



UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e
Urbanismo
Mestrado em Arquitetura e Urbanismo

Angelina Pompeu Furtado Pires

***Slams* na cidade de São Paulo: experiências e**
narrativas urbanas femininas

São Paulo
2022

Angelina Pompeu Furtado Pires

***Slams* na cidade de São Paulo: experiências e
narrativas urbanas femininas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo, Curso de Mestrado, da Universidade São Judas Tadeu como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Eneida de Almeida

São Paulo

2022

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Universidade São Judas Tadeu**

Bibliotecária: Marieta Rodrigues Brechet - CRB 8/10384

Pires, Angelina Pompeu Furtado.
P667s Slams na cidade de São Paulo: experiências e narrativas urbanas femininas. / Angelina Pompeu Furtado Pires - São Paulo, 2022.
f. 115 il.; 30 cm.

Orientadora: Eneida de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2022.

1. Centros e Periferias. 2. Sujeitos Periféricos. 3. Slams femininos. 4. Discursos e identidade. I. Almeida, Eneida. II. Universidade São Judas Tadeu, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDD 22 – 720

FICHA DE APROVAÇÃO

Dissertação de mestrado do(a) Angelina Pompeu Furtado Pires, intitulada “*Slams* na cidade de São Paulo: experiências e narrativas urbana femininas”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo, curso de Mestrado, da Universidade São Judas Tadeu, na área de concentração Gestão, Cultura e Qualidade de Vida em Áreas Metropolitanas. Os membros da Banca Examinadora consideraram o(a) candidato(a) aprovado(a). Data: 04/11/2022.

Banca examinadora

Prezado Prof. Dr. Marcos Horácio Gomes Dias - Centro Universitário Assunção – 04/11/2022

Prezada Profa. Dra. Maria Isabel Imbronito – Universidade São Judas Tadeu - 04/11/2022.

FICHA DE APROVAÇÃO - EDIÇÃO REVISADA

Eu, Profa. Dra. Eneida de Almeida, orientadora do trabalho realizado por Angelina Pompeu Furtado Pires, declaro que a edição revisada desta dissertação cumpre os requisitos exigidos pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo.

Professora Doutora Eneida de Almeida - Orientadora

Agradecimentos

Ao Pai Celestial que me proporcionou esta oportunidade, onde, sem fé, força e persistência diante dos desafios enfrentados, não seria possível.

Para realização desta pesquisa agradeço e dedico algumas pessoas que me apoiaram nessa trajetória.

Agradeço minha orientadora Dra. Prof^a Eneida de Almeida pela paciência nesse processo diante das dificuldades que enfrentei, pelos seus conselhos, sugestões pertinentes para desenvolvimento da pesquisa, seus conhecimentos compartilhados e todo apoio que foi primordial nesta etapa e para meu aprendizado.

Agradeço imensamente meu esposo Uelton e meus filhos Eduarda e Arthur, minha irmã Jane que sempre me apoiaram, incentivando com muito amor, carinho e compreensão.

Agradeço aos meus amigos que sempre estiveram comigo desde o início dessa jornada em todos os momentos: Priscila, Pâmela, Kimberlly, Emerson que sempre me apoiaram, me animaram com palavras de conforto e incentivo, em uma trajetória que não foi fácil, mas possível.

E, não poderia deixar de agradecer duas amigas: Glayce e Bruna Brancatti que além de todo apoio, me incentivaram a realizar o mestrado, apresentando o *slam*, para que essa pesquisa pudesse ser realizada.

Agradeço toda contribuição, apoio dos docentes Dr. Prof^o Marcos Horácio, Dr. Prof^a Cristina de Campos, Dra. Prof^a Maria Isabel Imbronito, que contribuíram durante esse processo ministrando as disciplinas cursadas durante a Graduação e o Mestrado e principalmente por terem aceitado o convite para a participação nas bancas de qualificação e defesa final.

Agradeço a Universidade São Judas e Coordenação da Pós Graduação Strito Senso de Arquitetura e Urbanismo, que esteve presente em todo processo, sendo atenciosos, prestativos e pela bolsa de estudo proporcionada.

Finalizo agradecimento imensamente ao meu pai Elias, já se foi, porém sempre incentivou a estudar e continua sendo minha inspiração e força para ter concluído essa etapa.

“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé...”

(Bíblia: 2 Tiimóteo 4.5)

RESUMO

A pesquisa se detém em reflexões acerca das relações entre centro e periferia na cidade de São Paulo no contexto contemporâneo, tendo como recorte geográfico a Zona Leste. O estudo tem por objetivo, reconhecer e mapear alguns grupos envolvidos em atividades culturais de rua, procurando compreendê-las como ações de reivindicação por ampliação de direitos sociais e urbanos. Interessa colher evidências do impacto dessas manifestações no cotidiano das pessoas, no sentido de avaliar como favorecem as relações de sociabilidade e de fortalecimento de vínculos de identidade e pertencimento. O recorte temático se concentra nos *Slams*, cuja origem é identificada na *poetry slam*, “batalha das letras”, abordando especialmente os que têm a participação e liderança de mulheres. A investigação abarca as origens dos *Slams* no exterior e sua difusão no Brasil, as relações que estabelecem com outras manifestações populares e de rua, como o Hip Hop, e suas peculiaridades. Os procedimentos metodológicos abrangem uma revisão bibliográfica sobre estudos urbanos, dando atenção especial à antropologia urbana e à vida cultural da área de estudo, para que dê suporte teórico aos estudos empíricos. Os resultados apontam para as possibilidades de reconhecer o papel das mulheres na liderança desses movimentos, por meio do acompanhamento e relato de certas atividades, identificando quem são as lideranças, os temas abordados, os modos de comunicação, e a repercussão no espaço da cidade, e na vida das pessoas, nas suas formas de convivência, nas trocas de experiências, enquanto mobilizações voltadas à superação dos limites e carências que afetam as relações cotidianas, com base na afirmação do sujeito social.

Palavras-chave: Centros e Periferias. Sujeitos Periféricos. *Slams* femininos. Discursos e identidade.

ABSTRACT

This research focuses on reflections about the relations between the center and the periphery in the city of São Paulo in the contemporary context, using the East Zone as a geographical reference. The study aims at recognizing and mapping some groups involved in cultural street activities, trying to understand them as actions of vindication for the expansion of social and urban rights. We are interested in collecting evidence of the impact of these manifestations on people's daily lives, in order to evaluate how they favor relationships of sociability and the strengthening of identity bonds and belonging. The thematic focus is on the *Slams*, whose origin is identified in the *poetryslam*, "battle of the letters", addressing especially those that have the participation and leadership of women. The investigation covers the origins of the *Slams* abroad and their diffusion in Brazil, the relations they establish with other popular and street manifestations, such as Hip Hop, and their peculiarities. The methodological procedures comprise a bibliographic review on urban studies, giving special attention to urban anthropology and the cultural life of the study area, in order to provide theoretical support to the empirical studies. The results point to the possibilities of recognizing the role of women in the leadership of these movements, through the monitoring and reporting of certain activities, identifying who the leaders are, the themes addressed, the modes of communication, and the repercussion in the space of the city, and in people's lives, in their ways of coexistence, in the exchanges of experiences, as mobilizations aimed at overcoming the limits and shortcomings that affect everyday relations, based on the affirmation of the social subject.

Keywords: Centers and Peripheries. Peripheral Subjects. Women's Slams. Discourses and identity.

RESUMEN

La investigación se detiene en reflexiones sobre la relación entre centro y periferia en la ciudad de São Paulo en el contexto contemporáneo, teniendo como foco geográfico la Zona leste. El estudio tiene como objetivo reconocer y mapear algunos grupos involucrados en actividades culturales de calle, tratando de entenderlos como acciones reivindicativas para la expansión de los derechos sociales y urbanos. Es interesante recopilar evidencias del impacto de estas manifestaciones en la vida cotidiana de las personas, con el fin de evaluar cómo favorecen las relaciones de sociabilidad y fortalecen los lazos de identidad y pertinência. El eje temático se centra en los Slams, cuyo origen se identifica en el slam de poesía, “batalla de letras”, abordando especialmente aquellos con participación y protagonismo de mujeres. La investigación recorre los orígenes de los *Slams* en el extranjero y su difusión en Brasil, las relaciones que establecen con otras manifestaciones populares y de calle, como el Hip Hop, y sus peculiaridades. Los procedimientos metodológicos incluyen una revisión bibliográfica sobre estudios urbanos, prestando especial atención a la antropología urbana y la vida cultural del área de estudio, con el fin de brindar soporte teórico a los estudios empíricos. Los resultados apuntan para las posibilidades de reconocer el papel de las mujeres en el liderazgo de estos movimientos, a través del seguimiento y reporte de ciertas actividades, identificando quiénes son las líderes, los temas abordados, los modos de comunicación y la repercusión en el espacio de la ciudad, e en la vida de las personas, en sus formas de convivencia, en el intercambio de experiencias, mientras movilizaciones encaminadas a la superación de los límites y carencias que afectan las relaciones cotidianas, a partir de la afirmación del sujeto social

Palabras clave: Centros y Periferias. Sujetos Periféricos. *Slams* femininos. Discursos e identidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Desenho do Mapa da praça Guilhermina Esperança	39
Figura 2 Vila Guilhermina	39
Figura 3 Praça Guilhermina.....	40
Figura 4 Grupos <i>Slams</i> em São Paulo	43 e 44
Figura 5 Mapas dos 266 <i>SLAMS</i> de Poesia no Brasil (Ativos e Inativos).....	44
Figura 6 Biblioteca Vila Lobos.....	45
Figura 7 Campeonato Brasileiro de poesia falada Sesc Pinheiro.....	46
Figura 8 <i>Slam</i> da Guilhermina.....	48
Figura 9 Facebook <i>Slam</i> da Guilhermina	50
Figura 10 Instagram <i>Slam</i> da Guilhermina	51
Figura 11 Canal do Youtube <i>Slam</i> da Guilhermina	52
Figura 12 <i>Slam</i> Interescolar.	55
Figura 13 Rede social do <i>Slam</i> Interescolar.....	55
Figura 14 <i>Slam</i> Interescolar SP.....	56
Figura 15 <i>Slam</i> Interescolar seletiva A e B.....	57
Figura 16 Participação de Meninos e Meninas <i>Slam</i> Interescolar.....	58
Figura 17 Participação das Escolas Públicas e Privadas.....	59
Figura 18 Participação e Desistência Após Orientações Iniciais. Fonte: <i>Slam</i> Interescolar, 2021.....	60
Figura 19 Participação e Desistência.....	60
Figura 20 Participação de Meninas e Meninos ano ano.....	61
Figura 21 Praça Roosevelt.....	62
Figura 22 Batalha de Poesia <i>Slam</i> Resistência na praça Roosevelt.....	63
Figura 23 Símbolo <i>Slam</i> Resistência.....	64
Figura 24 O grito <i>Slam</i> Resistência.....	65
Figura 25 Organizadoras do Slam das Minas SP.....	66
Figura 26 Facebook <i>Slam</i> da Minas.....	75
Figura 27 Oficina Jornada Latines <i>Slam</i> das Minas.....	76
Figura 28 Integração dos coletivos com Slam das Minas.....	77
Figura 29 Perfis Citados do Coletivo <i>Slam</i> das Minas.....	78
Figura 30 Palavras mais utilizadas nas redes.....	79
Figura 31 Diferenças <i>Slam</i> e Mcs.....	84
Figura 32 Palestra <i>Slam</i> e os Direitos Humanos.....	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 SÃO PAULO DIVIDIDA ENTRE CENTRO E PERIFERIA.....	18
CAPÍTULO 2 RECONHENDO OS SUJEITOS PERIFÉRICOS.....	26
CAPÍTULO 3 CONHECENDO OS SLAMS E SUA CAPACIDADE DE MOBILIZAÇÃO CULTURAL E POLÍTICA.....	35
3.1 ORIGEM DOS SLAMS NO EXTERIOR E REPERCURSÃO NO BRASIL	37
3.2 APROXIMAÇÕES COM OUTRAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DE RUA E DE CULTURA POPULAR (REPENTE ONTEM, HIP HOP HOJE)	79
3.3 A RELAÇÃO ENTRE OS SLAMS E A CIDADE: TRANSITANDO ENTRE ESPAÇOS PÚBLICOS E CIRCUITOS CULTURAIS	86
3.4 A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS SLAMS	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS.....	99
ANEXOS.....	105

INTRODUÇÃO

Um dos problemas mais sérios que atinge as grandes cidades brasileiras, São Paulo entre elas, é que, o crescimento populacional, desde a segunda metade do século 20 – acentuadamente a partir dos anos 1970 –, produziu uma urbanização espraiada no território, formando áreas periféricas ocupadas irregularmente pela população de baixa renda, não exatamente por vontade própria, mas por ter sido excluída das áreas mais centrais pela supervalorização dos preços dos terrenos (MARICATO, 2015).

Diante desse contexto em que prevalecem as leis do mercado que prioriza o lucro decorrente da valorização fundiária, acentuando as desigualdades e a exclusão socioespacial, o planejamento urbano ainda deve enfrentar o desafio de oferecer melhores condições de vida para as populações periféricas, que habitam em moradias precárias, em áreas de risco, com sérios problemas ambientais, e acesso limitado a serviços básicos de infraestrutura e a equipamentos socioculturais. Essa situação é analisada por autoras como Raquel Rolnik (2016), que se dedica à luta contra a desigualdade e injustiça produzida financeirização global da moradia e seus reflexos na escala local, e ainda Teresa Caldeira (2000), ao tratar do processo contraditório de transição democrática em que aumenta a deslegitimação da cidadania civil.

Se, por um lado, esse processo de urbanização desigual mostra uma crise de gestão do território urbano, por outro, evidencia a intensificação de um fenômeno de resistência, entendido por autores como Holston (2013), enquanto insurgências, que empreendem lutas contemporâneas para o enfrentamento dos problemas no dia a dia das cidades, criando ações táticas e práticas urbanas criativas. O autor explica que são ações realizadas de forma espontânea e flexível, por grupos autogeridos, denominados de forma genérica como 'coletivos urbanos'. Essas ações se baseiam em participações colaborativas capazes de reunir indivíduos que compartilham uma causa comum, compondo uma frente de mobilização, disposta a enfrentar ou amenizar os problemas urbanos do cotidiano.

A ação dos *Slams*, batalhas de poesias, tema desta pesquisa, pode ser reconhecida como uma dessas estratégias alternativas e situadas de enfrentamento da crise urbana atual, ainda que de forma pontual e em pequena

escala, naqueles aspectos que se evidenciam nas condições adversas de vida nas periferias da cidade. Correspondem a movimentos culturais criados nas áreas periféricas, como uma espécie de canal de comunicação e expressão estético-política, sobretudo entre os jovens, diante da falta de perspectivas de futuro, representando formas de singularização social no contexto da cidade contemporânea.

Esta pesquisa pretende, de início, abordar um quadro geral dos problemas urbanos enfrentados pelas populações periféricas na cidade São Paulo, com recorte espacial delimitado à Zona Leste, considerando o potencial das ações táticas que grupos organizados vêm realizando, em busca por melhores condições de vida, por meio de diversas atividades de cultura, em meio às ocupações irregulares e à situação de vulnerabilidade social ligada à expansão urbana espraiada.

A urbanização da cidade, ao evidenciar, por um lado, os problemas enfrentados de segregação urbana, violência, pobreza e, por outro, a existência de enclaves fortificados seja de riqueza – como os condomínios fechados de alto luxo) – que de pobreza – loteamentos clandestinos, como bem retrata Teresa Caldeira (2000) –, dá lugar aos sujeitos periféricos, conforme a terminologia adotada por de D’Andrea (2013)¹, ao analisar particularidades de sua identidade, associadas à memória individual e coletiva, a uma consciência de classe, e aos modos como se articulam a esse território, promovendo novas formas de organização política e cultural.

A exemplo das manifestações de emancipação dos sujeitos periféricos, nos termos referidos por D’Andrea, a pesquisa pretende investigar a ação dos coletivos que se dedicam aos *Slams*, batalhas de poesias realizadas sobretudo nas periferias da cidade de São Paulo, como forma de reivindicações e protesto, por meio das narrativas de jovens poetas. Em geral, os *Slams* realizam suas apresentações em praças públicas, não ultrapassando

¹ A denominação “sujeito periférico” foi adotada por D’Andrea (2013), a partir de uma canção do compositor Tita Reis, de mesmo título. Esse termo está associado a uma conjuntura histórico-social, que tem origem no final dos anos 1980, na cidade de São Paulo, na qual emergem novas formas de organização das classes populares (apud Sader, 1988).

três minutos, sendo de autoria própria do poeta que as apresenta, sem utilização de figurinos, adereços e ou acompanhamento musical. Os únicos recursos empregados pelos poetas são o próprio corpo, nos moldes de uma *performance* e a voz (DIAS, 2019).

Com base nessas considerações iniciais, a pesquisa tem como foco investigar o território da periferia da Zona Leste da cidade de São Paulo no contexto contemporâneo, procurando interligar território e cultura, reunindo eventos culturais e movimentos sociais, direcionados para experiências dos *Slams*. Interessa ainda reconhecer quem são os sujeitos periféricos que habitam nesse território.

Esses eventos unem atividades culturais e mobilizações sociais, atraindo a atenção especialmente dos jovens, que se identificam com seus discursos ligados aos modos de vida comuns e a uma linguagem compartilhada. Desse contexto sociocultural decorrem práticas culturais que interligam discussões sobre raça, gênero e classe, criadas por determinadas circunstâncias locais, atravessadas por lógicas globais.

Para D' Andrea, os sujeitos periféricos:

(...) são moradores da periferia que se manifestam por meio de elementos de subjetividade, tais como "o reconhecimento de ser morador da periferia; o orgulho de ser portador dessa condição; o pertencimento a uma coletividade de que compartilha códigos, normas e formas de ver o mundo; o senso crítico com a relação à forma como a sociedade está estruturada; a ação coletiva para a superação das atuais condições (2013; p.275-276),

A pesquisa busca identificar como as atividades de batalha de poesia, realizadas pelos grupos que se dedicam aos *Slams* favorecem as relações de sociabilidade e de fortalecimento de vínculos de identidade e pertencimento, não somente por meio de suas narrativas, mas também pela organização dos encontros e, mais ainda, pela repercussão desses eventos, o que comprova a capacidade de comunicação que estabelecem com o público, que se renova e fortalece a cada encontro. Durante as apresentações, é possível perceber que as poesias abordam aspectos particulares dos poetas, expressando suas memórias, identidades, procurando interpretar e compreender o mundo que os cerca, diante das limitações do cotidiano. É nesse sentido, que a investigação sobre os *slams* deve se conectar com o espaço urbano, explorando a problematização de conceitos, bem como as situações específicas de

produção e apropriação do espaço urbano, relacionadas à contraposição entre “centro” e “periferia”.

Como procedimentos metodológicos, a pesquisa se baseia, de início, em uma revisão bibliográfica sobre estudos urbanos, com atenção especial à antropologia urbana, no que se refere à vida cultural das áreas periféricas, em meio aos principais problemas urbanos que afetam essas áreas – segregação, violência, escassez de recursos e investimentos públicos –, procurando destacar ações de resistência e reivindicação por ampliação dos direitos urbanos.

Dentre as narrativas realizadas pelos coletivos de *Slams*, interessa priorizar as experiências ligadas à figura feminina, com o objetivo reconhecer o papel das mulheres na liderança desse movimento.

Num primeiro momento, os estudos procuram reconhecer as origens dessas atividades, identificando proximidades e distanciamentos em relação a manifestações populares tradicionais, como as apresentações de repentistas, entre outras manifestações da cultura popular.

No prosseguimento das investigações, as revisões bibliográficas devem dar suporte ao acompanhamento dos grupos nas redes sociais², de modo a permitir reconhecer os vários grupos, seus líderes e os componentes dessa atuação, tais como: características da *performance*, que envolve não somente as palavras proferidas, mas também os gestos, a postura corporal; os temas das poesias e suas relações com as vivências das protagonistas; a interlocução entre os grupos, trocas de saberes, produção e transmissão de conhecimentos.

É possível reconhecer que o Repente e os *Slams*, enquanto manifestações culturais de origem popular, que se valem da palavra – cantada e recitada – apresentam alguns aspectos comuns e conseguem, de alguma forma, despertar uma consciência de autorepresentação, produzindo, em certa medida, a formação de subjetividades, a partir de relações sociais criadas em

² Convém esclarecer que a pesquisa foi iniciada precisamente no início de 2020, tendo sido marcada pela condição de distanciamento social da pandemia de COVID-19, o que afastou a possibilidade de manter contato estreito com os coletivos, reduzindo o acompanhamento das atividades aos modos remotos, por meio das redes sociais, ou em raras ocasiões.

algumas condições geográficas, sociais e históricas, ligadas a um posicionamento frente à realidade vivida, que em última análise pode ser compreendido como posicionamento político, por meio da linguagem, da presença em cena, e do alcance da comunicação.

Desse modo, o primeiro capítulo traça um panorama da condição contemporânea da cidade de São Paulo, nas relações conflituosas entre centro e periferia, procurando problematizar os conceitos de “centro” e “periferia”, confrontando-os com a realidade da Zona Leste de São Paulo, mediante a contribuição de autores que têm se dedicado de modo mais abrangente à crise urbana, e a seus sinais mais evidentes de desigualdade socioespacial, como Maricato,(2015) e Rolnik (2017).

O segundo capítulo dedica-se a um estudo mais circunstanciado do espaço urbano, com base nas noções da antropologia urbana, tendo em vista qualificar o espaço urbano por meio das condições de vida da população, da relação entre o espaço do cotidiano, a identidade do morador e a cultura local. Essa abordagem apoia-se nas contribuições de Tiaraju D’Andrea, e no reconhecimento do ‘sujeito periférico’ e em suas experiências urbanas interligadas ao cotidiano, enquanto novas formas de organização e posicionamento político-cultural.

E, por fim, o terceiro capítulo dedica-se ao estudo dos *Slams* que atuam na cidade de São Paulo, com especial atenção ao território da Zona Leste paulistana, são eles: *Slam* da Guilhermina Esperança, *Slam* Interescolar, *Slam* das Minas e *Slam* Resistência. A escolha por esses coletivos foi estabelecida com base na localização de suas atividades, na repercussão junto ao público, considerando tanto as atividades desenvolvidas presencialmente, quanto nas redes sociais. Dentre os aspectos investigados são destacados: a origem de cada grupo, as relações com território e com as experiências do cotidiano, suas formas de comunicação, de sociabilidade, e modos de difusão de suas ações.

Os resultados procuram reconhecer o papel das mulheres nas lideranças desses movimentos, identificando o seu lugar de fala, e a repercussão das batalhas de poesia na Zona Leste de São Paulo e em outros lugares da cidade.

A pesquisa é composta ainda de anexos que contêm: relatórios de encontros, com identificação das batalhas, um elenco de *lives* e oficinas,

realizadas pelos grupos de *Slam* selecionados como objeto de investigação.

Convém informar que a pesquisa foi iniciada e produzida durante o período mais severo da pandemia da doença do Coronavírus 2019 (COVID-19). Essa condição causou um impacto intenso na forma de realização dos estudos, afetando desde as atividades de orientação, às disciplinas cursadas, que passaram a ser ministradas no formato online, até o contato com os grupos que se dedicam aos *Slams*, que também passaram a exercer suas atividades à distância. Por essa razão, as buscas e aproximações com os grupos concentraram-se em contatos por intermédio das redes sociais.

CAPÍTULO 1 SÃO PAULO DIVIDIDA ENTRE CENTRO E PERIFERIA

Este capítulo concentra-se no estudo da cidade de São Paulo em sua condição contemporânea, relacionada à crise urbana dada pelos contrastes produzidos pela sua desigualdade socioeconômica e vulnerabilidade em que seus habitantes estão sujeitos a enfrentar nos bairros periféricos. Se por um lado, podemos perceber que a cidade produz a desigualdades e condições adversas de qualidade devida, por outro, desperta a ação de movimentos populares como forma de resistência diante dos problemas urbanos enfrentados.

São Paulo foi fundada em 1554, sendo mundialmente conhecida por meio das suas influências nacionais e internacional e seu ponto de vista político, econômico e cultural. Considerado o centro financeiro do Brasil e uma das cidades mais populosas do mundo, segundo o senso 1960 a cidade contava com 3.825.350 habitantes e 2022 com 45,14³ milhões de residentes distribuídos de formas desigual em seus municípios (SEADE, 2022).

A cidade de São Paulo passou por várias mudanças e conquistas territorial, econômica, política, cultural e tecnológica e sempre em busca de melhorias, com o surgimento das ferrovias, transporte públicos, saneamento básicos e o período industrial que proporcionou um grande crescimento em vários setores e principalmente em sua população, mas tendo como consequência nesse processo os problemas urbanos, como a segregação socioespacial e desigualdade social, a violência, escassez de recursos e investimentos públicos que persistem até os dias atuais nos espaços urbanos (MARICATO, 2015).

Quando estamos na cidade de São Paulo e paramos em algum momento para analisar ou apreciar sua beleza, podemos perceber que sua imagem é contraditória ao mesmo tempo que expressa suas grandezas em contra partida sua miséria como mansões e imóveis sem infraestruturas, barracos, shopping centers e barraca de camelô sendo fragmentada que

³Seade – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/sp-tem-9-municipios-que-concentram-42-da-populacao-paulista-sao-jose-estatalista/#:~:text=Em%202022%2C%20o%20estado%20de,3.000%20hab%2Fkm%C2%B2%20nos%20maiores. Acesso em 01 set 2022..>

aparenta como busca por sonhos e competições de sobrevivência dos habitantes que ali reside, sendo gerações sucessivas de imigrantes internos e externos que vieram em busca de oportunidades e potências das grandes cidades e expandindo sua população.

Maricato (2015) argumenta que a cidade possui diversas abordagens como estética, manifestações por meio de práticas culturais e artísticas, seus legados históricos, conflitos sociais, reprodução do espaço do capital e força de trabalho, tornando assim diferentes formas de ver a cidades e difícil de situá-la como um objetocentral das relações sociais.

As aglomerações nas periferias da cidade de São Paulo existem desde o período de industrialização e persistem no período de reestruturação econômica, que se desenvolvem em conjunto com os processos globais (MARICATO, 2015).

A partir do período industrial, a uma grande taxa de crescimento populacionale os grandes problemas urbanos que foram gerados devido ao aprofundamento da pobreza e a precariedade da urbanização no amplo território urbano.

Em 1990. Havia cerca de 111 milhões de moradias informais (favelas e loteamentos informais) na América Latina. Em 2001, era 127 milhões. No Brasil, entre 1991 e 2000, houve um aumento de 22,5% do número de favelas. Enquanto os domicílios, cresceram 1,01% em todo o país, os domicílios em favela cresceram 4,18% (MARTINS, p.59, 2011).

A maioria da população não encontrava nas cidades, a oferta de moradia adequada pelo mercado ou serviços públicos, sendo excluídos da vida social tanto pelas condições econômicas e urbanística. Tendo como consequência as instalações de ocupação loteamentos irregulares, como favelas ou lugares ambientais que são protegidas por lei e desconsiderado pelo mercado imobiliário.

Esses espaços ambientais são localizados em áreas protegidas e áreas de preservação permanente coberta com vegetação, próximo de represas e mananciais de abastecimento (margens córregos e topos de morros). Dessa forma mostra a periferia como um embate com a natureza, centros com a sociedade e mercado.

Essas ocupações ocorrem devido a falta de acesso e alternativas

habitação oferecidas pelo Estado e mercado imobiliário. Ao contrário do centro da cidade que possui equipamento valorizado, ofertas de emprego, quadros de edifícios que muitas vezes são inabitáveis que estão sujeitos a abandono e falta de manutenção. Assim, temos o caso de imóveis fechados sem uso, aguardando uma valorização por parte dos proprietários ou órgão públicos deixando de lado uma possibilidade de moradia com baixo custo e sendo um dos causadores que expulsam da população local.

Martins (2011), argumenta que vários tipos de iniciativa foram propostos e parcialmente postos em prática na década 1990, sem conseguir promover e em repovoamento, nem reabilitação urbana da região, assim sendo a cidade de São Paulo passou por vários planos, projetos diversas propostas que foram limitadas quando não de sastosos nas áreas central.

O mercado busca sempre áreas de expansão e inovação, as áreas tradicionais vão sendo abandonados pelas atividades econômicas, bem como a moradia de rendas média e alta. O parque edificado, sem manutenção entra na decadência física ou abandonada. São áreas de ampla qualidade locacional, em que os que teriam condições de ocupá-los não demonstram interesse, os que gostariam não tem acesso por razões econômicas e falta de ofertas adequadas. (MARTINS, p.59, 2011).

Sendo assim, o capital sempre buscou em cada momento histórico das cidades, atender seus interesses e alianças com os promotores imobiliários e proprietários de terra e dos capitais industriais. Como temos o caso das manifestações por aumento salarial, em que o trabalhador luta por um salário maior e encontra partidatemos aumento de aluguéis, taxas dos transportes públicos como uma forma de reverter esse aumento por meio de lucros das taxas estabelecidas.

Ao falar de moradias em localidades improprias ou a falta da participação do Estado nesses locais de baixa vulnerabilidade, Maricato menciona que a questão de habitação não é um problema para o capital e nem o Estado.

Por isso, os bairros de moradia dos trabalhadores são construídos por eles mesmo, nos seus horários de descanso. E por isso, as favelas fazem parte da reprodução da força de trabalho formal. Foi assim durante o processo de industrialização por substituição de importações e é assim atualmente nas cidades conhecidas como globais. (MARICATO, p. 20, 2015).

Caldeira (2000), descreve que essas propriedades dos trabalhadores, em sua maioria viviam em cortiços ou casas de cômodos, todos

superpovoados. Essas construções precárias constituíam um bom investimento na época e proliferaram pela cidade. Não havia prédios de apartamentos para alugar na época. Uma minoria de trabalhadores, basicamente os especializados, alugavam casas só para suas famílias, em geral casas geminadas. Algumas fábricas construíam essas casas geminadas para seus trabalhadores especializados tanto como uma forma de atraí-los com a oferta de melhores moradias como para discipliná-los com a ameaça de despejo.

Os capitais ganham por meio da produção e exploração do espaço urbano nas funções de valor e troca, para a eles a cidade nada mais que mercadoria. O seu produto termina as relações de produção como o pedaço da terra, localização, as condições, ou seja, nenhum trecho de terreno não é reproduzível gerando atributos como forma de captar ganhos sob forma de renda. Conhecida como a cidade do negócio e da renda imobiliária em seu motor central.

Mas nem sempre os recursos públicos são de interesse do mercado ou atrativa para o mercado imobiliário, neste caso a qualificação para essas áreas, é necessária ação intensiva do poder público para desenvolver e visibilizar alternativas de promoção econômica, habitacional, com boa qualidade ambiental, localização e infraestrutura como forma contribuição para atender as necessidades habitacionais juntamente com as políticas urbanas.

Assim, temos as fragmentações nos espaços urbanos que já estavam instalados previamente nas relações sociais e com a ampla expansão populacional e a grande diversidade que já existia no território, os sujeitos buscam por qualidade de vida e moradias nas regiões periféricas.

A partir de 1980 a periferia ganha uma nova configuração com o surgimento das construções de condomínios fechados com altos muros, conhecidos pelo termo enclaves fortificados que tem como proprietários de classe média – alta que se localizam e bairros mais afastados do centro, assim dando a realidade desiguais.

Raquel Rolnik (2001), descreve a desigualdade social como “territórios específicos e separados para cada atividade e cada grupo social”, que se deu por meio das reformas e apropriação do centro urbano pelas elites dominante,

burgueses ações dos investimentos públicos.

O centro tinha como característica para comércio, e concentração de moradores com poder aquisitivos, auto empreendimento, os bairros com mansões ou empreendimento de muros altos, avenidas largas e iluminadas tendo amplos espaços para vida social, localizados no centro ou próximo do centro da cidade tendo a interação socioeconômico com a região, fazendo com que os trabalhadores procurem por terrenos com baixo custo, sendo expulso gradativamente daquela localidade e sendo afastado dos centros e se dirigindo aos bairros mais pobres como os bairros periféricos.

Os bairros periféricos surgem devido a configuração do poder político e econômico no centro da cidade de São Paulo, utilizado pelo capital e a periferia se localizando nas bordas dessa região, que aos poucos foi sendo loteada pelo mercado imobiliário em espaços pequenos e carentes de infraestruturas, realizando vendas de imóveis com preços acessíveis para população mais pobre nesses locais e formando os bairros periféricos.

Carmo (2019) reforça que,

A cidade passa a se desenvolver no modelo centro periferia numa configuração espacial marcada pelo dualismo entre a área central para as classes mais altas e a periferia para a classe de trabalhadores pobres, sendo o centro dotado de boa infraestrutura e a periferia um lugar distante, cercada por precariedades. O centro é o lugar de comércio, e concentra como moradores pessoas que tinham um poder aquisitivo maior, visto a interação socioeconômica na região, enquanto o auto empreendimento é característico na periferia das décadas de 1940 em diante, e demonstra o processo de transferência de responsabilidades para o morador sobre a produção de moradia, em detrimento dos loteadores privados. (p. 3853, 2019).

A cidade é um lugar de extrema importância para produção do trabalho, a classe trabalhadora busca em primeiro momento uma qualidade de vida melhor, por meio de moradias e serviços públicos, mas barato. Mas o capital que ganha com essa produção e exploração do espaço urbano, por meio do mercado imobiliário age com a função de valor de troca.

Cercada por precariedades. O centro é o lugar de comércio, e concentra como moradores pessoas que tinham um poder aquisitivo maior, visto a interação socioeconômica na região, enquanto o auto empreendimento é característico na periferia das décadas de 1940 em diante, e demonstra o processo de transferência de responsabilidades para o morador sobre a produção de moradia, em detrimento dos loteadores privados. (CARMO, p. 3853, 2019).

Com a implantação das Avenidas do prefeito Prestes Maia, acabou

possibilitando um crescimento na cidade, substituição de bondes por ônibus em vendade lotes mais baratos em direção aos extremos da cidade que são afastados do centro, assim proporcionando a venda de lotes para classe mais pobre onde poderiam comprar seus terrenos e construir seus lares.

Após os surgimentos dos transportes públicos, surgiu uma grande circulação da população com uso do transporte se direcionando para regiões que ainda não tinham fácil acesso, trazendo novas infraestruturas para aqueles bairros tendo como valorização de imóveis, aumento da circulação de transporte e pessoas dentro de outros fatores. (Caldeira, 2000).

Com isso surgiu novas linhas de ônibus, estações de metrô, parques e outros equipamentos urbanos. Carmo (2019), descreve que nesse período “áreas periféricas, vão se valorizando e atraindo um público com maior poder aquisitivo e que quer habitar em condições de exclusividade, longe do centro. Surgindo os condomínios fechados.

Esses condomínios fechados se instalam em periferias por conjunto de fatores, dentre eles estão as leis de zoneamento da cidade que favorecem certo tipo de uso do espaço a depender do interesse. (CARMO, p. 3855, 2022).

Esses interesses mencionados por Carmo, permitem o uso de conjunto residências ou comercial podendo ser utilizado o espaço dentro de um mesmo quarteirão como imóvel residencial ou comercial que visa o seu público sendo os próprios moradores daquela região ou do condomínio.

Esses condomínios fechados são habitados pela classe alta, onde a sua vivência é por uma preocupação constante com a segurança ao seu redor visando os visitantes ou sujeitos fora desses condomínios como marginal.

Esses grupos que compõem os condomínios fechados nos bairros periféricos, se posicionam com a questão da violência e segura como desconfiança na capacidade dos poderes públicos que garantem a segurança de seus cidadãos e buscam por empresas privadas de segurança devido ao medo da violência fora de seus muros e possibilitando de encontros sociais com aqueles que se consideram diferentes dos perigos que podem se afligir.

As questões de desigualdade social são cada vez mais presentes, nas cidades de São Paulo, este fenômeno da segregação urbana vem ocorrendo de uma forma mais intensa. Como menciona Caldeira (2000), a segregação, social ou espacial, é uma característica importante das cidades, de acordo com

as regras que organizam e estrutura o espaço urbano, afetam historicamente e culturalmente, mostrando como os seus princípios e grupos que estruturam a vida pública se relacionam entre si.

A segregação socio espacial se dá por diversas formas como menciona Mendes (2018),

Cultural, cuja divisão se dá pela língua, religião, características étnicas, país, nacionalidade etc.; funcional, no qual as classes estão divididas em bairros residenciais e comerciais, áreas rurais e indústrias, ou seja, resulta da lógica econômica; e diferença por status hierárquico, o qual reflete as relações de poder na cidade, o que pode ser representada pelos enclaves ou pela distribuição dos serviços públicos.

A cidade é um espaço de interação social, proporcionando espaços com diferentes povos, costumes, credos e peculiaridades por meio de trabalho, moradia, lazer, cultura gerando assim uma construção social e uma necessidade coletiva de viver em sociedade.

Lefebvre menciona que todos os cidadãos têm o direito de habitar, usar, ocupar, produzir e desfrutar das cidades de forma igual a todos, sendo um direito coletivo para gerações atuais e futuras, sendo compromisso político de proporcionar vida digna em segurança a toda sociedade.

Os sujeitos que ali habitam precisam constantemente lutar por meios de manifestações coletivas a busca desses direitos mencionado, que muitas vezes são contraditórios de suas realidades. O cidadão tem a liberdade de fazer e refazer a cidade em busca de melhorias para o direito a todos indivíduo, sendo um direito humano mais valioso e ao mesmo tempo sendo negligenciado pelo próprio poder político.

Para o Lefebvre (2001) o termo “o direito à cidade” significa e representa o direito dos cidadãos – cidadãos sendo apelo e uma exigência como forma do direito à vida urbana que é transformada e renovada. O direito da cidade não é algo novo, mas tem ganhado muita visibilidade nos últimos anos.

Os moradores pobres de São Paulo, que haviam sido esquecidos no silêncio das margens da cidade, aprenderam rapidamente que, se pudessem se organizar, provavelmente poderiam melhorar a qualidade de vida nos seus bairros (Caldeira, 2000).

Diante das lutas enfrentadas atualmente, não podemos deixar de mencionar a questão da desigualdade social que estão determinadas na

produção do espaço e transformar os processos da produção e ocupação do espaço.

“As infraestruturas urbanas sejam universalizadas persistirão as discriminações de raça, gênero, orientação, sexual, a moradia continuará mal localizada e as pessoas com deficiência continuarão excluída das soluções urbanas.”

Maricato menciona que muitas vezes as moradias desses sujeitos periféricos eram ilegais compulsoriamente, parte da cidade pobre que não conseguiu entrar na ilegalidade, trabalhadores informais, sem condições de comprar imóveis e sem acesso política pública. Como pode o poder público não perceber as dificuldades que se tem nessas regiões, se sempre foi um assunto tratado e abordado pelas próprias mídias.

O modelo centro-periferia passou a ser invocado em negociações políticas entre os funcionários do governo e os representantes dos movimentos sociais. Foi também o modelo usado pelos meios de comunicação de massa nas suas frequentes reportagens sobre manifestações, e pelos cientistas sociais, que observaram fascinados a politização que não haviam previsto. Esse modelo tornou-se, assim, uma referência comum para moradores, organizações políticas, planejadores e cientistas sociais. (Caldeira, 2000)

Brasil é profundamente desigual, a igualdade urbana não depende dos rendimentos terras, mas poderia ter uma distribuição de cidades. As cidades são formadas por pessoas e atividades, que foram transformadas pela vida econômica, espacial urbano e passou ser visto como algo dividido e partido ou vendido com o valor de algo, assim parte da sociedade é excluída a marginalidade.

Caldeira reforça e menciona que São Paulo hoje é uma região metropolitana mais complexa, que não pode ser mapeada pela simples oposição centro rico versus periferia pobre. Ela não oferece mais a possibilidade de ignorar as diferenças de classes; antes de mais nada, é uma cidade de muros com uma população obcecada por segurança e discriminação social.

CAPÍTULO 2 - RECONHENDO OS SUJEITOS PERIFÉRICOS

Antes de identificar os grupos que atuam na periferia da Zona Leste de São Paulo, este capítulo procura discutir a respeito dos conceitos de periferia e de sujeito periférico, com a contribuição do cientista social Pablo Tiaraju D'Andrea (2013), centrado na produção de atividades artísticas e culturais do sujeito periférico em seu local de origem, em diálogo com outros autores de que se dedicam a temas semelhantes, como José Souza Martins (2001) que trata do significado e evolução dos termos periferia e subúrbio; Stuart Hall (2015) que aborda a noção de identidade pessoal associada aos vínculos sociais e às questões da memória e do pertencimento.

Ao tratar da produção cultural promovida pelo sujeito periférico nos territórios afastados das regiões centrais, o trabalho vale-se da contribuição de quatro autores: Teresa Caldeira (2000) ocupando-se das formas de exclusão urbana; James Holston (2013), abordando a periferia não apenas como espaço de segregação, mas também como território de luta e resistência; José Guilherme C. Magnani, ligado ao campo da antropologia urbana, interligando a produção cultural aos espaços públicos da periferia; e ainda Marilena Chauí (1993), discorrendo sobre a particularidade da produção cultural dos cidadãos que vivem em condições de vulnerabilidade socioespacial, interligando-a com o estímulo das políticas públicas, que possibilitam o fortalecimento dos laços sociais e identitários.

A periferia e o subúrbio são áreas designadas ao redor das áreas centrais ou núcleo metropolitano central, sendo assim esses territórios possuem um potencial econômico e uma acessibilidade, mas baixo do que as regiões centrais de uma cidade metropolitana.

Hoston (2013), menciona que:

O termo “periferia” substituiu os antigos termos “subúrbio” e “zona rural”. Depois disso surgiram inúmeros discursos que homogeneizaram a grande heterogeneidade das condições desses assentamentos distantes num conceito político único de “periferia” (p, 207, 2013).

Sendo assim, a noção de periferia não se refere somente pelo externo excluído do capitalismo ou das subclasses aparentemente se refere as relações produções sociais e espaço. Os termos podem ter alterações de significado com o decorrer do tempo e contextos políticos.

Com os grandes avanços da expansão populacional desses territórios, a periferia passou por várias mudanças históricas. Em São Paulo os intelectuais se referiam a periferia como um território geográfico com características de pobreza e a precariedade distante dos centros, sendo que na visão antropológica era aos modos de vida e o imaginário da população.

O debate sobre as definições ou acepções urbanas sobre a periferia, em especial nas décadas de 1950 e 1960, abordam os conceitos marxistas e o momento econômico dos países, comparando seus momentos econômicos e dimensionando o crescimento demográfico que introduziam grandes parcelas da população a um território mais distante das zonas centrais, caracterizando zonas mais pobres e com precariedade em sua estrutura urbana.

José S. Martins (2001) reforça e ainda complementa, que o termo periferia passou por várias mudanças, nos anos 1970 e 1980 e afirma que foi um objeto de pesquisa para os intelectuais que se dedicavam às questões urbanas, usufruindo da interação com os movimentos populares, buscando abordar o papel social das lideranças desses movimentos.

Somente a partir do ano 1990 periferia passou a ser utilizado pelos próprios moradores da região, principalmente os jovens que sentiam o termo mais próximo de si do que o termo subúrbio e começa ganhar forças e visibilidade, que anteriormente os moradores se referia como povo, trabalhadores ou classe trabalhadora. Nos anos anteriores havia muito preconceitos com a população periférica e os próprios indivíduos que ali residiam também não mencionavam devido a vergonha que sentiam por residir naquele local e o preconceito que era imposto pela sociedade.

Ao longo dos anos, na percepção de D'Andrea, o conceito de periferia passou a ser utilizado como divisão de classes, onde a periferia se referia à classe trabalhadora e o centro se referia aos mais ricos. Já na década de 1990, com a difusão de filmes e séries que retratavam a realidade da periferia, houve um movimento natural de um pseudo conservadorismo por parte dos sujeitos periféricos, onde assim, sua realidade ou resistência trouxe um símbolo de orgulho ou poder, desmitificando os preconceitos às suas características quanto à lugar, sujeitos e modo de vida. Agregados ao movimento hip hop e a representatividade política, onde sujeitos vindos das comunidades retratam a

vida na periferia e expondo os problemas peculiares e não focando apenas em pobreza ou violência, trazendo novos pontos de vistas para periferia não se baseando em conceitos sociais.

Assim ambos os termos periferia e subúrbio são categorias que expressam um modo de vida e uma posição geográfica na cidade, mas, como esclarece Martins, são realidades distintas. Durante dois séculos o termo subúrbio foi utilizado com referência a um território intermediário entre urbano e rural, que tinha como uma das principais características seus lotes grandes, casas espaçosas, com quintais grandes, enquanto herança do passado rural que permanecia no urbano.

D'Andrea descreve as características do subúrbio como:

As diferenças entre subúrbio e periferia, ressalta-se que subúrbio é composto por bairros mais antigos e com padrões urbanísticos com maior regulação. Quase sempre o crescimento desses bairros ocorreu pela presença de indústrias e de vias férreas. Os lotes dos bairros de subúrbio geralmente são maiores e as ruas mais largas. O padrão é o de casas baixas com quintais. (...) É possível observar algumas características nesses bairros de subúrbio nos últimos anos: perda de população; baixa vulnerabilidade social e moradores mais velhos (D'ANDREA, p.10, 2020).

Nesse período era comum a realização de festas típicas, entre as atividades culturais, que eram ligadas às tradições da região desde os tempos da vila, depois incorporadas aos costumes da cidade. Associada à noção de subúrbio, explica Martins, havia um entendimento de elevação social, de ajuda comunitária, os cidadãos que ali residiam sempre lutaram por seus direitos como de viver, com base em reivindicações ligadas ao bem-estar no curso da vida e especialmente na velhice.

Ainda reforça que a propagação do termo periferia está ligada a outro momento da trajetória da cidade, vinculado a uma intensificação da expansão urbana e a condições de fragilidade da ocupação irregular do território, evidenciadas pelas ruas e calçadas estreitas, falta de praças, casas com cômodos reduzidos, construídas em processo de autoconstrução, em terrenos minúsculos, cercado de dificuldades e pobreza.

A concepção de subúrbio entra em crise com novos problemas sociais, uma nova pobreza que se fortalece a partir de 1964, com o golpe de Estado. Os problemas enfrentados no subúrbio eram questões de desenvolvimento social como encontrar políticas públicas para idosos, acesso ao bem-estar social,

entretanto, no caso da periferia se acentuam as questões ligadas ao desenvolvimento econômico, refletindo-se numa urbanização patológica, de exclusão.

D'Andrea (2013), por sua vez, menciona que o termo periferia passa a ser incorporado pelos movimentos sociais populares nos anos 1980, sendo apropriado e transformado de modo significativo pelos moradores na década de 1990 por meio dos movimentos sociais, sendo um deles o hip hop que passou a publicizar o termo. O grupo de rap traz consigo por meio das letras musicais, a luta e legitimidade e a postura dos moradores da periferia sem a necessidade de serem representados por outras vozes que não habitam aquele território.

Se, por um lado, a periferia recebia uma conotação depreciativa por parte das mídias, associando-as à violência e à pobreza, pela falta de ação política na região, por outro lado, amplia-se um consenso social em parcela da população dessas áreas para se mobilizar por ações públicas, que permitam superar a condição de abandono derivada da desigualdade social e econômica.

D'Andrea (2013, p.137) argumenta que a periferia pode ser, em larga medida, onde se encontra o problema, no entanto ela não é o problema e sim o problema é a sociedade como um todo, devido à não aceitação da periferia. Em contrapartida Martins menciona que quando a periferia já não é mais válida sociologicamente acaba sendo utilizada de maneira política pelos nativos. Embora a visão dominante em 1990 sobre a periferia estivesse ligada às questões de violência e pobreza, parcela importante da população que ali habitava e estava preocupada em superar essas condições, procurando, de um lado, fortalecer os elos sociais, por meio de ações de solidariedade, por outro, estimulando a autoestima, por intermédio de atividades culturais que evidenciassem as potencialidades dessas áreas e dos seus cidadãos, ressaltando suas experiências de vida não unicamente associadas à privação de bens e recursos. As atividades culturais a que se dedicam os coletivos correspondem ainda a formas de geração de renda, em um cenário dominado pelo desemprego e pela informalidade das atividades econômicas, onde os movimentos culturais proporcionaram a difusão e inclusão da periferia em diversos setores, o que acarretou também, a participação dos Jovens da periferia no ensino superior, trazendo a convivência de sujeitos de diversas

culturas, proporcionando a profissionais atuar em seus locais de origem, assim também servindo como exemplo aos demais jovens que se sentem representados e analisando a possibilidade de incluir em um novo cenário social advindo do estudo.

Hoje quando trata da periferia, D'Andrea menciona quatro elementos: pobreza, violência, cultura e potência. Essa visão mais ampla dos processos de periferização urbana é também abordada por James Holston (2013) que, além de identificar a persistência da segregação da pobreza, reconhece, em contraposição a nesse cenário de privação e dificuldades, a emergência de modos de organização insurgentes, que mobilizam os movimentos sociais ao redor de reivindicações políticas e culturais que possam alterar essa condição de marginalização.

D'Andrea refere-se à manifestação desses elementos da seguinte forma: a violência como ameaça, a ostentação por meio do consumo, o poder por intermédio da organização política e liderança comunitária, e a potência enquanto criatividade exercida na produção cultural apoiada na identidade do próprio morador da periferia. Dessa forma, os movimentos culturais exercidos pelos coletivos representam a atuação do sujeito periférico em colaboração com sua própria comunidade.

(...) a escolha de muitos jovens periféricos que, ao perceberem sua condição, passaram a atuar por meio dela, criando no próprio local de moradia condições para sua melhora. Essa é a tônica dos inúmeros coletivos artísticos existentes na periferia de São Paulo e que passaram a atuar politicamente nos últimos 20 anos. Esta atuação local fomenta a melhoria material dos bairros e a atuação artística e política neles. (D'Andrea, 2013, p.170).

Holston (2013) qualifica a luta por direitos urbanos como uma “cidadania insurgente”, sendo capaz da participação popular em contribuir para a construção de ferramentas, capazes de modificar a vivência de um indivíduo no espaço em que ele habita, tornando suas lutas como reivindicações urbanas. Sendo capazes de buscar uma melhoria e mudanças na vivência das ruas, bairros e cidades.

Com a falta de carência do poder público nesses territórios, e nas questões urbanas e sociais a cidade e sociedade vem fortalecendo os grupos com as ações de reivindicações de qualidade de vida melhor, em busca de seus direitos como cidadãos. Os espaços se tornam cada vez mais desigual,

podendo perceber a mercantilização dos espaços público causando um grande esvaziamento e o surgindo espaços privados, Hoston comenta sobre essa questão das cidades e seus espaços.

De um lado, a city, impondo-se à cidade como espaço e objeto e sujeito de negócios, de outro lado, a pólis, afirmando a possibilidade de uma cidade como espaço do encontro e confronto entre cidadãos. Ali onde a mercantilização do espaço público está sendo contestada, ali onde os cidadãos investidos de cidadania politizam o cotidiano e quotidianizam a política, através de um permanente processo de reconstrução e reapropriação dos espaços públicos, estão despontando os primeiros elementos de uma alternativa que, por não estar ainda modelada e consolidada, nem por isso é menos promissora (HOSLTON, p.30, 2013).

Assim, todo sujeito tem o direito a cidade que não corresponde somente ao direito acesso individual ou grupo mais sim direito de mudar, reivindicar de acordo com seus objetivo e desejos de um poder coletivo em buscar de um bem melhor em sua qualidade de vida.

Ao mencionar as manifestações nos espaços periféricos, precisamos entender quem são esses indivíduos, e como atuam nesses espaços. Nesse caso podemos dizer que esses indivíduos são chamados ou conhecidos como os sujeito periféricos que nascidos e criados na periferia tendo como seu entendimento social e as influências culturais, buscando politicamente a mudança de sua vida e da realidade vivida.

Ao falar do sujeito D'Andrea vai mencionar o surgimento de uma nova subjetividade associada a uma que se repercute no enraizamento e na apropriação do espaço geográfico e social, e se consolida nas formas de cooperação coletiva, com base em experiências compartilhadas, muitas vezes impossíveis de serem percebidas ou concretizadas individualmente.

D'Andrea descreve o sujeito periférico como:

Sujeito como “conhecedor/fazedor – propõe objetivos e prática ações. Que domina algo. Que conhece algo, em contraposição ao que é conhecido ou é objeto. [...] ou seja o sujeito periférico é quem tomou posse de sua condição periférica. Quem descobriu e assumiu essa condição. Quem transmutou-se de ser passivo a ser ativo dessa condição de periférico em si para periférico para si. (D'Andrea, 2013, p.170).

Sentir-se periférico equivale a expressar várias experiências de ordem prática que, mesmo não dando conta de todas as experiências possíveis, possam de alguma maneira contribuir para a formação de um sentido de pertencimento a uma situação compartilhada com a condição de habitar a

periferia, e se reconhecer por meio dessa condição.

Mas vale ressaltar que nem todo habitante da periferia é um sujeito periférico. Para identificá-lo podemos nos basear nas três características básicas que são: assumir uma condição de periférico, ter orgulho dessa condição e agir politicamente a partir dessa condição. Sendo assim, o sujeito periférico, deve reconhecer-se como pertencendo a uma coletividade que compartilha códigos, normas, e formas de ver o mundo, com o seu senso crítico em relação a como a sociedade está estruturada e, de consequência, deve agir para superar as atuais condições ali estabelecidas (D'Andrea, 2013, p.175).

Ao pensar na identidade desse sujeito periférico, pode-se identificá-lo como sujeito sociológico, de acordo com a compreensão de Stuart Hall (2015), existem três etapas de concepções diferente a identidade como: sujeito iluminista, sociólogo e o pós-moderno tendo como as diferenças históricas, culturais e sociais.

Quando pensamos no nascimento e desenvolvimento de um indivíduo ao longo de sua existência, sem mudanças ou perspectiva individualistas nos referimos ao iluminista. Já na concepção sujeito sociológico se considera o sujeito moderno não sendo autônomo ou autossuficiente, formando suas relações a partir da relação com as pessoas na sociedade interagindo com os valores, práticas que formam a cultura, e por último o sujeito pós-moderno sendo um indivíduo sem identidade fixa ou permanente sendo formada e transformada continuamente de acordo com as relações de diálogos e diversidade cultural que rodeia, Hall descreve essa identidade como:

[...]o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Como vivemos numa sociedade que está em constante mudanças esse sujeito pós-moderno está atrelado a nossa realidade, diante de diversas culturas e informações de vários lugares.

Nesse sentido, o entendimento do autor se distancia de uma noção de

identidade fixa, para abarcar uma condição em constante mudança, podendo ser interpretada ou representada de diversas maneiras, ou seja, a identificação não é automática, mas pode ser adquirida ou perdida, tornando-se politizada.

Essa compreensão de Hall coincide com a de Martins ao mencionar a memória enquanto um documento vivo da história vivida. O autor enfatiza que no subúrbio a memória é essencial, sendo apreciada, valorizada e conservada, não se deixando seduzir e conduzir apenas por lembranças tristes e sofridas, mas sim alimentada sobretudo por momentos alegres. Dentro dessa ótica, afirma que na periferia a memória sempre foi e ainda é um repositório das histórias residuais e da identidade que se refere a essas experiências particulares, sendo um fundamento de esperança, ponto de partida para a realização de mudanças, apoiada num projeto social coletivo.

Sendo assim, a cultura nacional corresponde a um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a opinião que temos de nós mesmos.

Com o passar do tempo e com as migrações que ocorreram, e ainda ocorrem, as culturas nacionais passam ter influências externas de outras culturas, portanto, à medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas acaba sendo mais difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas. Dessa forma, os autores aqui mencionados chamam de homogeneização cultural as misturas de culturas, que se manifestam de várias formas, seja pelo contato com os meios digitais e redes sociais, conhecendo e assimilando novos hábitos, estilos de vida, seja por meio de viagens.

Quando realiza uma viagem, o turista se coloca em contato com outra cultura. Registra os lugares que visita, as experiências que vivencia por meio de fotografias, conhecendo novas pessoas de cidades ou países diferentes frequentando eventos culturais ou festas típicas de cada região, ou até mesmo adquirindo produtos que representam a cultura de determinados locais. No entanto, a aquisição de novos hábitos culturais corresponde a um processo mais duradouro, que depende de um contato prolongado com outros modos de vida.

Os grupos sociais periféricos com frequência estiveram abertos a influências culturais, muitas vezes ocorrem movimentos pelo centro da cidade,

que estabelecem uma correspondência num enorme movimento de pessoas da periferia. Em São Paulo, os movimentos e atividades culturais artísticas tendem cada vez mais a ocorrer em diversos lugares, seja nas áreas centrais, seja em regiões periféricas, portanto, as pessoas não se limitam a frequentar eventos somente onde residem, mas também são realizadas atividades em diferentes lugares, embora as ocorrências se deem principalmente no centro da cidade, devido ao fácil acesso para a população em geral onde se concentram as atividades artísticas e culturais promovidas pelos órgãos públicos das várias esferas de governo, principalmente por iniciativa da administração municipal. No próximo capítulo iremos apresentar a atuação desses grupos pelos bairros periféricos e centro da cidade de São Paulo tanto em seus espaços públicos como privados.

CAPÍTULO 3 CONHECENDO OS SLAMS E SUA CAPACIDADE DE MOBILIZAÇÃO CULTURAL E POLÍTICA

Este capítulo aborda os grupos de *Slams* apresentando sua origem, organização e forma de apresentação dentro do território urbano da periferia da Zona Leste de São Paulo, procurando reconhecer o papel das mulheres nas lideranças desses movimentos, identificando o seu lugar de fala e as relações com o território em que acontecem as batalhas de poesia falada. O estudo conta com a contribuição de vários autores, entre eles se destacam Raissa Dias, 2019 e Carolina Melo, 2021, que se concentram na aproximação aos grupos *Slams*, acompanhando suas atividades, organização e depoimentos dessas experiências, abordando temas que se relacionam com a vida cotidiana, em contato com o tecido urbano periférico.

A pesquisa aborda a relação das manifestações com a cultura popular brasileira e hip hop, procurando reconhecer em suas narrativas de batalhas de poesias, as reivindicações ligadas a um posicionamento político, contestando a realidade do cotidiano por meio da linguagem, performance e vínculos com a comunidade, com apoio dos autores como: João Miguel Sautchuk, 2009, Maria Silva, 2006 e Martine Kunz, 2016 que traz contribuições referente a cultura popular e Roberta Estrela D'Alva, 2014, Mariane Lemos Lourenço, 2010 e Daniela Silva de Freitas, 2018 que concentra no Hip Hop.

Ao falar do *Slams*, teremos como foco os grupos *Slam* das Minas formado somente por mulheres, idealizado por Pam Araújo, Carol Peixoto, Mel Duarte e Luz Ribeiro, uma versão do já praticado no Distrito Federal, ocorre de forma itinerante, de forma a ser divulgado em redes sociais onde previamente são feitas as inscrições das interessadas em participar, contando com quantidade limitada de competidoras onde as vencedoras de cada etapa concorrem ao final de uma temporada de uma competição internacional com diversas outras rimadoras e poetizas.

O *Slam* da Resistência, que realiza seus encontros em praça pública no centro da cidade de São Paulo e o *Slam* da Guilhermina que realizam apresentações em praça pública ao lado da Estação de Metrô Guilhermina – Esperança, também responsável pela organização do grupo *Slam* Interescolar, que realiza suas batalhas de poesias com crianças e jovens em escolas públicas

estaduais na cidade São Paulo.

As modalidades de Slam Virtual ganharam ênfase, a partir do período de pandemia de Covid -19, porém, atualmente possibilitam a interação de grupos ou indivíduos em apresentações itinerantes e possibilitam uma prática de intercâmbio, agregando valores culturais das mais variadas regiões e outros países.

A possibilidade de continuar com apresentações se fez necessária com o uso de ferramentas tecnológicas e plataformas virtuais, assim como a rede social em sua divulgação trouxe a presença de um público que não estava inserido nas ruas, o que trouxe um engajamento cultural e expansão do movimento.

O reconhecimento do *Slam* pelos jovens das mais variadas regiões, agrega ao movimento natural da expansão da cultura de periferia aos demais grupos sociais, mais uma vez quebrando preconceitos e divulgando a arte e sua identidade cultural sem desvincular de suas raízes.

Forte influência da cultura Hip Hop e a necessidade de expressão e comunicação do sujeito periférico difundiram as rimas de rap com a expressão artística das poesias, possibilitando a difusão de abordagem dos mais variados temas, estudados previamente.

A necessidade de expressar, de protestar e cultivar as reivindicações são presentes no *Slam*, as poesias são em sua maioria com temáticas vividas pelos sujeitos periféricos, assim, contendo algumas particularidades entre os grupos, como no *Slam* da Guilhermina, *Slam* das Minas e *Slam* da Resistência, abordam os temas mais oriundos de sua vivência em um contexto vivido, violência, descaso do poder público, segurança pública, educação e assuntos sociais, enquanto alguns outros grupos, formados por jovens, adolescentes buscam explorar assuntos pessoais, conflitos familiares, traumas e sentimentos, o que se encontra nos *Slams* Interescolares, onde os indivíduos são estudantes que por meio da literatura identificam e usam sua voz de expressão em uma manifestação cultural.

Ao analisar as narrativas e a forma de comunicação, é possível explorar o reconhecimento de seus lugares de fala com a contribuição da autora Djamila Ribeiro, 2017, de modo a associar as narrativas desses sujeitos periféricos não só com as carências que afetam as relações cotidianas, mas, principalmente,

identificar as potencialidades dos discursos e seus desdobramentos no fortalecimento da identidade social e da conscientização política.

Quanto ao sujeito periférico, a sua voz e sua afirmação como cidadão, como sujeito ativo em construção cotidiana da cultura modificou os conceitos sociais de periferia, trazendo à tona a diferença na distribuição de riqueza e impondo apenas o conceito a um sentido geográfico, proporcionando aos que antes eram excluídos a possibilidade de manifestações culturais ganhando foco em temáticas cotidianas em relação à sua cultura e modo de vida.

Por fim, periferia expressa fundamentalmente uma desigualdade na distribuição da riqueza no espaço. No momento em que se aplacarem as diferenças sociais entre centralidade e periferia, essa dicotomia terá um sentido apenas geográfico, esvaziando, assim, a necessidade de uma afirmação política, social e subjetiva por meio do conceito periferia. Enquanto isso não ocorrer, o conceito periferia segue vigente.

3.1 ORIGEM DOS SLAMS NO EXTERIOR E REPERCURSÃO NO BRASIL

O *Slam* surgiu nos anos 1980, por iniciativa de Marc Smith, um operário da construção civil, poeta do subúrbio de Chicago, nos Estados Unidos, que organizava encontros em bares de jazz. Smith buscava quebrar o paradigma de que somente a elite tinha acesso às poesias, ele buscava popularizar a poesia junto a um público que estava fora dos espaços intelectuais estabelecidos pela academia. Reunido com outros artistas locais, criou o Chicago *Poetry* que foi a base de experimentação inicial do *Slam*.

O termo *Slam* deriva de uma onomatopeia da língua inglesa que indica o som de uma batida de porta ou janela, um estouro, um barulho que causa impacto – algo que na língua portuguesa seria equivalente à nossa “pá!”, para traduzir o ato de bater a palma de cada uma das mãos uma contra a outra, com o fim de produzir seu ruído.

A invenção do *Slam* estabeleceu um tipo diferente de relação entre poetas e público, uma conexão “interativa, teatral, física e imediata”. Era algo diferente da leitura tradicional ou “leitura parada”, a poesia passou a ser apresentada como uma experiência física e sensorial – o que contribuiu para alcançar outro nível de envolvimento e engajamento do público (BARBOSA, 2020, p. 40).

O *Slam* é uma poesia oral viva e urbana, ligada às periferias, por meio

de expressão, que permite aos artistas, através da liberdade expor seus ideais e produzir algo que reflete seus valores ou denunciar injustiças e opressões. Hoje em dia, as batalhas ocorrem em vários espaços, em que todos os poetas possam improvisar ou recitar seus textos diante de um público

O Slam chega ao Brasil na cidade de São Paulo em 2008, ganhando destaque nacional em 2011, quando Roberta Estrela D'alva foi a terceira finalista da Copa do Mundo de Poesia *Slam* na França (BARBOSA, 2019).

O primeiro *Slam* em São Paulo, veio por meio do grupo ZAP! Ou Zona Autônoma da Palavra, que é organizado pelo Núcleo de Bartolomeu de Depoimentos, idealizado por Roberta Estrela D'Alva que é membro e fundadora. No início, as apresentações foram realizadas no Sesc Campo Limpo, em um palco de pequeno porte, onde o grupo declamou textos originais em um microfone, seguindo da mesma maneira adotada na competição Internacional e anual de *Poetry Slam*. Em 2011 Roberta participa do Campeonato do Mundo de *Slam* em Paris, nesse mesmo período conhece o primeiro movimento *Poetry Slam* de Chicago, tendo contato com fundador Marc Smith, durante a sua viagem para deu origem ao filme *Slam: voz a levante*, o documentário realizado por Tatiana Lohmmamm e lançado somente em 2018. O *SlamBR* – Campeonato Brasileiro de Poesia Falada, deu início em São Paulo somente a partir de 2014.

De acordo com Estrela D'Alva,

(...) os poetas campeões e campeãs de todo o Brasil, e o vencedor ou vencedora torna-se o/a representante brasileiro/a na Copa do Mundo de Poesia *Slam*, sediado em Paris, entre os meses de maio e junho. Em sua última edição, em dezembro de 2018, foram mapeadas, pela organização do *SLAM BR*, mais de 150 comunidades de *Slam*, em 21 estados, além do Distrito Federal. São eles: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Tocantins, Paraná, Paraíba, Pernambuco, Roraima, Alagoas, Acre, Pará e Amazonas. O Brasil também já conta com um campeonato internacional, o Rio *Poetry Slam*, que acontece desde o ano de 2014 (2019, p.272).

Hoje, os encontros são realizados semanalmente ou mensalmente dependendo do coletivo, podendo ocorrer em locais variados. A primeira edição de 2017 ocorreu no SP Escola de Teatro, na Praça Roosevelt, região central da cidade, pelo grupo *Slam* da Resistência.

Esse movimento foi pioneiro, e sua origem impulsionou o nascimento

de diversos outros *Slams* pela cidade, pelo estado e, cada vez mais, por todo o país. Por uma questão de deslocamento dentro da cidade São Paulo começavam a surgir os *Slams* dentro do próprio bairro, como o grupo *Slam* da Guilhermina que, através da influência do vice-campeão mundial do *Poetry Slam* Emerson Alcade, teve a ideia de criar um grupo dedicado ao *Slam*, numa praça ao lado da estação de metrô Guilhermina Esperança Zona Leste da cidade de São Paulo (Figura 1).

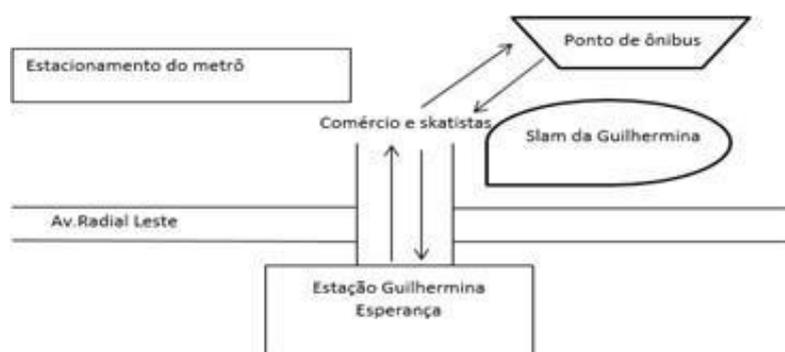


Figura 1 Desenho do Mapa da praça Guilhermina Esperança.

Fonte: <http://journals.openedition.org/pontourbe/docannexe/image/2836/img-1.png>. Acesso em set de 2021.

As (Figuras 2 e 3) indicam a localização da praça da Guilhermina, por meio do marcador em amarelo no mapa e pontos de referência ao retorno da Estação e passarela do Metrô Guilhermina-Esperança e Avenida Antônio Estevão de Carvalho, mais conhecida como Radial Leste.

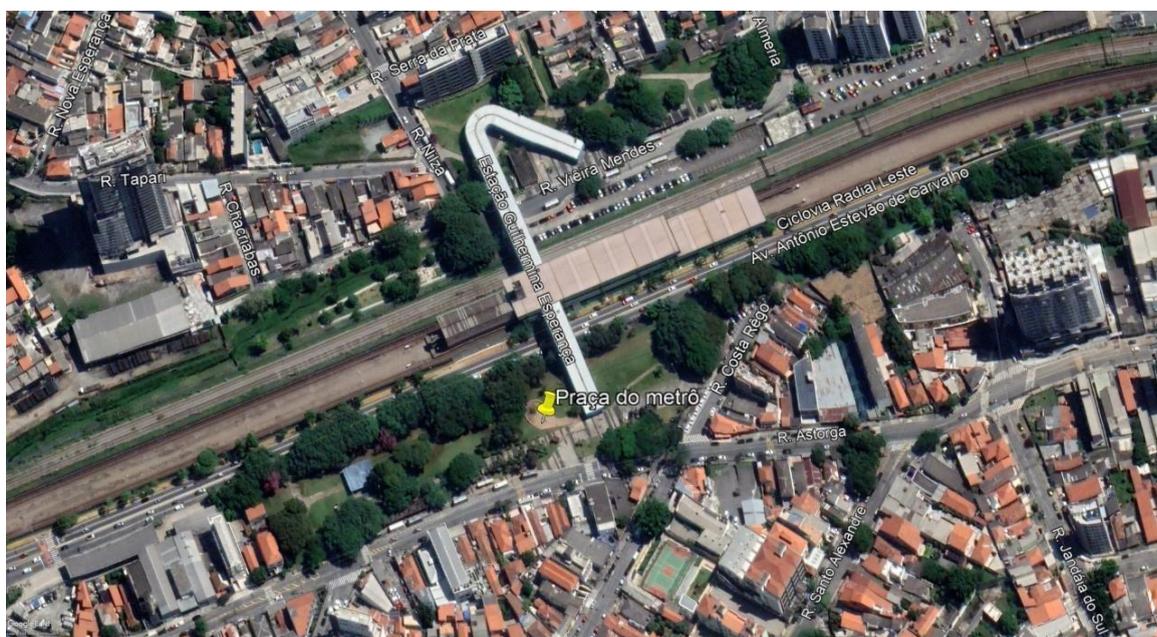


Figura 2 - Vila Guilhermina.

Fonte: Google Earth, 2021.

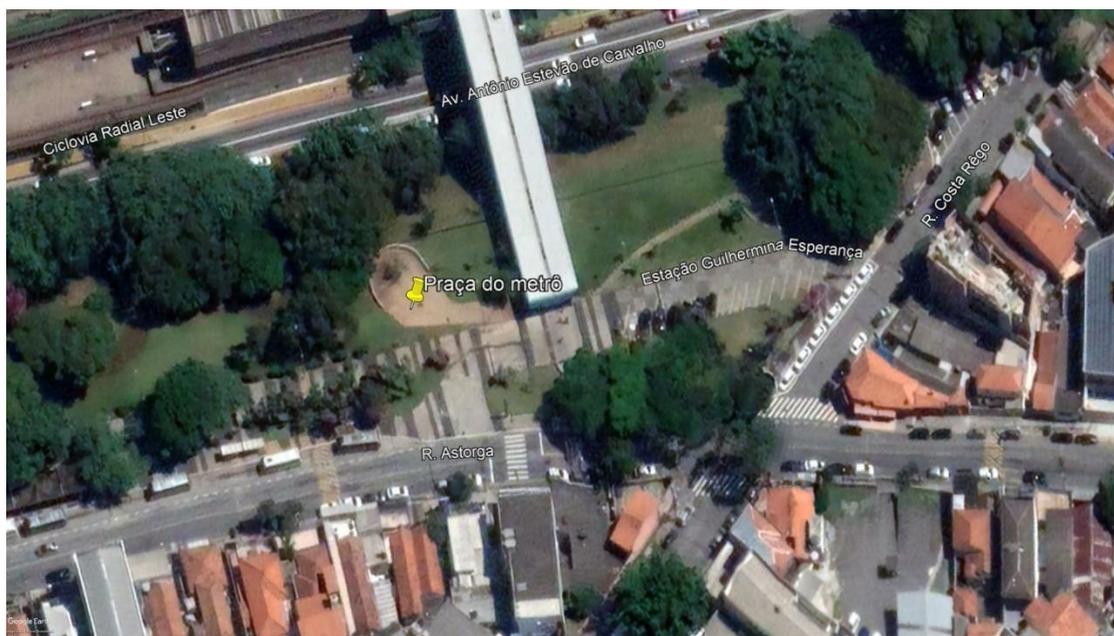


Figura 3 - Praça Guilhermina.
Fonte: Google Earth, 2021.

Após essa iniciativa vários *Slams* surgiram em espaços intermediários da cidade. O *Slam* constrói um “espaço intermediário” no momento ele acontece, um lugar que propicie a interação de indivíduos com interesses ligados através arte marginal, original e performática.

Para Dias:

A diferença entre espaço institucional e local público, quando o evento está acontecendo é que em um local privado existe um palco improvisado ou construído, com microfone e uma configuração de plateia bastante parecida com a de um teatro. Geralmente, um espaço que possui cobertura, acesso a sanitários, muitas vezes acontecem em instituições como o Serviço Social do Comércio (SESC) de todo o Brasil (2018, p.21).

Nos espaços públicos, a configuração e a formação são de curta duração, não existe palco, para conseguir participar do evento e observar as expressões delinguagem e corporais o público procurar o melhor ângulo para acompanhar atividades. Essas apresentações não possuem patrocinadores, nem microfone, porém com relação ao público, pode-se dizer que é igual ou parecido nos dois tipos intervenções. Os encontros são combinados através da internet, determinando data, dia, horário, e o local de reunião. Alguns coletivos já possuem lugar fixo para o encontro, sendo determinada em geral a periodicidade de uma vez por mês, sempre no mesmo horário.

Dias (2019) e D'alva (2019), apresentam as regras estabelecidas nas

batalhas de poesia que ocorrem com duração de 3 minutos, sendo de textos autorais, havendo a proibição do uso de qualquer acessório ou equipamento. Os jurados são membros da plateia selecionados antes do início do evento. No momento da nota, o júri leva em consideração dois critérios principais: a poesia e seu desempenho, ou seja, o texto recitado e a performance do poeta.

Cada *Slam* possui um grito de guerra único. Antes de o poeta iniciar sua fala, os mestres de cerimônia gritam e o público repete o grito de guerra do *Slam* e, a partir desse momento, todos ficam em silêncio até que o *Slammers* termine sua apresentação. Nem sempre os *Slammers* são os sujeitos que vivem o problema social relatado, mas eles constroem em uma trama vinculada a determinada identidade social, relacionando o tema de sua poesia com certas causas apresentadas em suas narrativas. O seu maior público é constituído por jovens de 16 a 24 anos que, além de ouvintes, são também participantes dos campeonatos de poesia falada.

Os movimentos promovem incentivo ao poder da fala, pois as narrativas fortalecem a reivindicação de direitos, incentivando outros indivíduos a buscar por mudanças e melhorias para um mundo ou vida melhor. Portanto, o indivíduo daquele espaço também muda ou passa a ser diferente do que era antes, por meio de suas experiências vividas ou compartilhadas, adquirindo um olhar crítico sobre determinados assuntos que são correlatos ao seu cotidiano.

Chaves, o criador do *Slam Resistência*, menciona em uma entrevista dada à Revista RBA Rede Brasil⁴, que passou por momentos delicados durante alguns encontros do grupo *Slam Resistência*. As apresentações acontecem no centro da cidade de São Paulo, na Praça Franklin Roosevelt, local que possui duas bases policiais. Em todas as edições realizadas por esse coletivo houve a visita de Guardas Civis Metropolitanos querendo encerrar as batalhas de poesias sem estabelecer qualquer diálogo, ao contrário, ameaçando levar todos para uma delegacia, caso não houvesse colaboração.

⁴ VALARY, Gabriel. *Slam Resistência: A poesia e a voz de quem sempre sofre calado*. Revista Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2018/03/slam-resistencia-a-poesia-e-a-voz-de-quem-sempre-sofreu-calado/>. Acessado em: 30 set 2021.

Durante a entrevista Chaves ainda comenta,

Em 2017, durante nossa primeira edição, foi em março, e reunimos 700 pessoas. Quando foi 8h40 da noite, dois guardas chegaram para nos abordar dentro da lei da Perturbação da Ordem, uma lei muito usada no período da ditadura militar, e da lei do Psiu. Só que ainda não era 22h. Estávamos com a lei do artista de rua, que nos ampara, e mostramos para eles. É uma praça pública e temos o direito de estar ali. Então, eles ameaçaram chamar a tropa de choque. Continuamos o evento. Quando chegou perto das 22h, a GCM fez uma fila com 24 guardas de cara feia, três viaturas com giroflex ligado, aí ele falou que ia chamar a tropa de choque e disse que eles não viriam para conversar⁵.

Quando a abordagem da polícia é realizada durante apresentação, também ocorre de um poeta ou outro ser ameaçado por um PM por causa do conteúdo de sua narrativa, tornando a situação muito delicada. Em contrapartida, após o início das atividades na Praça Franklin Roosevelt, um comandante da CGM⁶ mencionou que durante as atividades não havia registro de roubo, furto e com as novas gestões começaram a mudar as abordagens dos policiais com o *Slam Resistência*, por conta de um diálogo entre eles.

Durante a pesquisa, não foram localizadas produções que mencionam as dificuldades enfrentadas pelos coletivos, somente em documentários ou entrevistas que são mencionados esses pontos. E de todos os coletivos apresentados somente o *Slam Resistência* e *Slam Guilhermina* mencionaram as dificuldades encontradas em seus encontros em praça pública da cidade de São Paulo.

Em todos os momentos os organizadores dos grupos *Slams* mencionam atividades realizadas estimulam os jovens com estudo, leituras, escritas e principalmente a expressar sentimentos que muitas vezes estão aprisionados, por não terem com quem conversar e, assim, transformam seus sentimentos pessoais em poesia, o que corresponderia a uma forma de expressar suas reivindicações ou exercer sua liberdade de expressão. Criando um espaço que possibilita criar um fluxo através da performance e a narrativa de liberdade no ambiente urbano.

Com grande avanças das atividades realizadas pelos coletivos surge

⁵ VALARY, 2018, p. Online.

⁶ Controladoria Geral do Município (CGM)

vários *Slams*, demostro alguns que estão espalhados pela cidade de São Paulo (Figura 4), mas existe vários espalhados por todo Brasil (Figura 5).

GRUPOS	ANO	LOCALIZAÇÃO
Zap! Slam	2008	Itinerante Centro Bela Vista
Slam do Corpo	2012	Zona Leste – Belém Zona Sul – Vila Maria e Moema Zona Oeste – Pinheiros e Perdizes
Menor Slam do Mundo	Sem ano	Itinerante
Slam da Guilhermina	2014	Zona Leste – Guilhermina Esperança (estação de Metro)
Slam da Resistência	2014	Centro – Barra Funda/ Bela Vista/ Consolação/ República. Zona Sul – Jabaquara/ Vila Mariana. Zona Oeste – Pinheiro
Slam da Ponta	2014	Centro – Bela Vista/ República/ Sé Zona Leste – Itaquera/ José Bonifácio Zona Oeste - Pinheiro
Slam do Grito	2014	Centro – Bela Vista/ República Zona Sul – Ipiranga/ Sacomã/ Vila Mariana
Slam 13	2014	Centro – Bela Vista Zona Sul – Santo Amaro Zona Oeste – Pinheiro
Slam Rachão Poético	2015	Centro – Bela Vista/ República Zona Leste – São Miguel Zona Oeste – Pinheiros
Slam Função	2015	Centro – Bela Vista Zona Leste – São Miguel Zona Oeste – Pinheiro
Slam do Corre	2015	Centro – Bela Vista/ Sé Zona Leste – São Miguel

Elas falam de suas vivências, trazem questionamentos políticos e sociais, expõem sentimentos pessoais, dificuldades relacionadas ao impacto do machismo em seu dia a dia. A ideia é garantir um espaço seguro para que as mulheres possam se expressar livremente.

Cruz (2019, p.24) menciona que durante as pautas da poesia não dá para ser delicada. Argumenta que as mulheres precisam ser incisivas, firmes, “vir com dois pés na porta” para as pessoas conseguirem entender que discutir a pauta das mulheres é uma urgência”. É possível perceber que as mulheres enfrentam dificuldades para ocupar os espaços e exercer o papel de detentora da palavra.

Em 2018, o *Slam* das Minas de São Paulo realizou um encontro de batalha de poesia com narrativas femininas na Biblioteca Villa Lobos, onde costumam realizar apresentações no Dia Internacional da Mulher e oficinas no decorrer do ano de como fazer poesias em casa sendo ministrada as aulas por Roberta Estrela D’alva. (Figura 6).



Figura 6 - Biblioteca Vila Lobos.

Fonte: <https://bvl.org.br/evento/slam-das-minas>. Acesso set, 2021

Apresentamos na (Figura 7), o Campeonato Brasileiro de poesia falada que foi realizado no Sesc Pinheiros em 2018, sendo apresentado por Roberta Estrela D’Alva, ao lado direito da imagem.



Figura 7 - Campeonato Brasileiro de poesia falada Sesc Pinheiro.

Fonte: <https://f5.folha.uol.com.br/diversao/2018/12/campeonato-brasileiro-de-poesia-falada-comeca-nesta-quinta-em-sp.shtml>. Acesso set, 2021.

Carolina Mello afirma que:

Para Roberta Estrela D'Alva, o *Slam* é uma brincadeira ou artifício no qual as regras servem para que as pessoas prestem atenção no que importa: a poesia, a voz e as pessoas que não são ouvidas em outros lugares. Para ela, o mais interessante do *Slam* é a diversidade assegurada através da livre vontade de participação. Durante quatro anos esse foi o único *Slam* no Brasil (2021, p.84).

Em todos os momentos argumentos de D'alva, sempre afirma que a poesia é para acesso a todos e todas, que durante as apresentações os poetas não são julgados por seus poemas e sim pelas suas performances. Uma vez que suas narrativas muitas vezes são situações vividas e compartilhadas, os jovens utilizam a poesia como forma de expressão de sentimentos e angústias que não são colocadas para fora sendo assim não podendo ser avaliadas ou julgadas por serem sentimentos dos próprios *slammers*.

O *Slam* da Guilhermina é um coletivo que realiza batalhas de poesia com jovens da periferia na Zona Leste da cidade de São Paulo, próximo da Estação de Metrô Guilhermina-Esperança. Seus organizadores são: Emerson Alcalde idealizador do grupo e organizador do *Slam*, junto com Cristina Assunção e Uilian Chapéu, além de Legant, Cleyton Mendes e Renata Ravok, que auxiliam e desempenham várias funções durante o evento (MELO, 2020, p. 86).

É importante mencionar que Emerson Alcalde já tinha uma vivência como MC, ator, escritor literário e participava de alguns encontros de saraus de poesia na Zona Sul da cidade de São Paulo. No seu livro “Nos corre da poesia”, Alcalde comenta sobre a falta de atividades artística na periférica da Zona Leste de São Paulo, na época que frequentava a Zona Sul.

Tinha inveja de ver aquela diversas pessoas, de diversas áreas tendo um espaço para se encontrar, trocar informações, debater sobre políticas. Isto não tinha no Leste, não que eu tivesse informação. Confesso que pensei seriamente em mudar para zona sul. (2022, p.107).

De tanto frequentar esses movimentos, começou a ter incentivos de várias pessoas e amigos que criasse um sarau em sua comunidade, foram várias tentativas por parte de Alcalde mais infelizmente na época não encontrou pessoas que topassem ou até mesmo um local como um bar parar sua empreitada. Em 2008 foi convidado por uma amiga a participar do primeiro *Slam* de poesia no Brasil sem saber como era, e o que era, aceitando o convite teve a oportunidade de conhecer e participar do *Zap!Slam* onde conheceu a Roberta Estrela D’Alva se encantou com as batalhas de poesia ali apresentada que era uma forma totalmente diferente do que já tinha presenciado no sarais.

Alcalde comenta que, costumava passar pela estação da Guilhermina-Esperança, e teve a ideia de realizar o encontro no local, sendo de fácil acesso, cantando com grande movimento de pessoas, o que correspondia a uma ótima localização para os poetas ouvirem e declamar os seus poemas. (ALCALDE, 2022).

No dia 24 de março de 2012, foi realizado o primeiro encontro do coletivo na praça da estação do metrô, a divulgação foi por meio das redes sociais, o ambiente não tinha iluminação adequada, por esse motivo, usaram lâmpões que, ao ser utilizado nas apresentações seguintes, se tornou um dos elementos da identidade do *Slam* da Guilhermina (Figura 8).



Figura 8 - Slam da Guilhermina.

Fonte: <https://m.facebook.com/slamdaguilhermina/photos/a.347154175394781/2607488756027967/?type=3&source=44>. Acesso set, 2021.

Os encontros de batalha de poesia presencial acontecem toda última sexta feira de cada mês junto à Estação do Metrô Guilhermina-Esperança, do lado esquerdo ao sair da catraca. A primeira disputa da batalha de poesia do coletivo aconteceu no dia 12 de novembro, no Memorial da América Latina. Antes de iniciar as narrativas, os organizadores iniciam as apresentações com um poema de abertura como um grito de guerra, apresentado a seguir:

Guilhermanos e Guilherminas

*Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS
(coro) Guilher MANOS (coro) Guilher
MINAS (coro) Guilher MANOS (coro)
Guilher MINAS (coro) Guilhermanos e
Guilherminas*

*Quem vencer essa noite será
nomeado Slampiã ou Slampiã
Porém não levarás para casa
A Maria Bonita
Vem*

Pode chegar
Sob a luz da
lâmparina
Celebrando a
poesia
No slam mais roots da América
Latina Ocupando a praça muito
além da fumaça Não duvide da fé
Porque
Guilhermina é
Esperança
Somos o bando do
Lampião E o nosso
cangaço?
É Cangaíba nosso
pedaço Ermelino
Matarazzo
Da Guilhermina a São Bento é só uma questão
de tempo Somos o Bando do Lampião
Praticando slam como num rachão de
domingo Só que pra gente também é
balada
É resistência. É celebração. É
convívio. Guilha MANOS (coro)
Guilha MINAS (coro) Guilha MANOS
(coro) Guilha MINAS (coro)
Guilha MANOS (coro) Guilha MINAS (coro). (ALCALDE, 2014, p. 15 apud
STELLA, 2015, texto eletrônico).

Logo após a poesia (grito de guerra), são divulgadas todas novidades e notícias do coletivo e em seguida começam as apresentações. O encontro chega a ter em média certa 150 a 400 pessoas na plateia, mas com o início da Covid-19 o coletivo passou a utilizar as redes sociais para realizar batalhas de poesia que aconteceram semanalmente (Figura 9 e 10).



Figura 9 - Facebook Slam da Guilhermina
Fonte: <https://www.facebook.com/slamdaguilhermina>. Acesso set, 2021.

No canal do Facebook do coletivo, é possível visualizar divulgação de campeonatos de poesias, formulário de inscrições das batalhas, regras, informações sobre premiações, vídeos, fotos, notícias sobre poesias, políticas e entre outras informações, com fácil acesso, e os convites e parcerias que o coletivo recebe de empresas privadas. Há ainda informações sobre a divulgação de lançamentos de livros com poemas dos *slammers* e acessórios do grupo

“As publicações impressas também significam para esses poetas uma oportunidade concreta de comercialização de sua arte e, assim, a possibilidade de obter algum retorno financeiro com a venda de suas criações”, e trazendo oportunidades para os *slammers* (BARBOSA, 2020, p. 210).

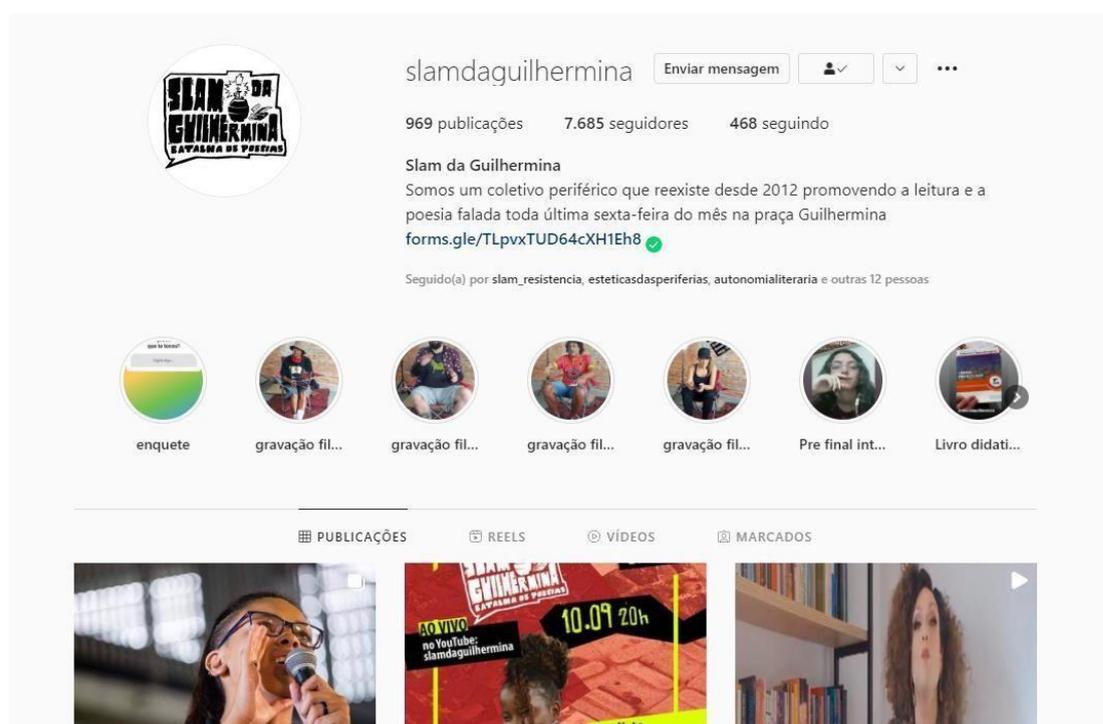


Figura 10 - Instagram Slam da Guilhermina.
<https://www.instagram.com/slamdaguilhermina/>. Acesso set, 2021

No Instagram, são realizadas as lives com convidados ou batalhas de poesia de curta duração, são ainda divulgadas novidades e acontecimentos semanais do grupo. Além do Facebook e Instagram o Youtube também é utilizado para as transmissões das batalhas de poesia e dos campeonatos *SlamBR*. (Figura 11).



Figura 11 - Canal do Youtube Slam da Guilhermina
 Fonte: <https://www.youtube.com/c/SlamdaGuilhermina>. Acesso set, 2021.

O *Slam* da Guilhermina foi o movimento pioneiro de slam de rua, sendo o 2ª *Poetry Slam* do Brasil, sua origem impulsionou o nascimento de diversos outros *slams* pela cidade, pelo estado e, cada vez mais, pelo Brasil. As características mais comuns entre os *slams* brasileiros denominados como crias da Guilhermina são as apresentações realizadas em lugares públicos. Após surgimento do Guilhermina foram criados no mesmo ano, mais 3 coletivos: o Menor *Slam* do Mundo, O *Slam* do Treze e o *Slam* do grito (MELO, 2021).

Segundo Melo (2021, p. 94-95), a organizadora do coletivo *Slam* da Guilhermina Cristina Assunção menciona que “Com a grande popularidade e as temáticas abordadas pelos poetas vêm com as suas narrativas a oportunidade de se falar ou ouvir sobre situações urgentes que expressam o cotidiano das pessoas”.

Seguindo esse contexto, tanto Melo (2021) como Dias (2019) trazem a relação de crescimento e desenvolvimento da manifestação dos *Slams* em um curto tempo, assinalando um grande avanço e repercussão em sua trajetória. Como exemplo, temos o organizador Emerson Alcalde que ganhou o campeonato *SlamBR* e participou do *Grand Poetry Slam* na França em 2014. Em sua viagem, se deparou com o *Slam* Interescolar na França, uma batalha

de poesia com crianças e adolescentes. As escolas se organizam e realizam excursões para levar os estudantes para torcerem pelos competidores.

Os organizadores ficaram impressionados com as atividades realizadas na França, o que os levou a planejar a implementação de atividades semelhantes nas escolas de São Paulo. Como a organizadora, Cristina Assunção, leciona a disciplina de História em uma escola pública próxima ao metrô da Guilhermina, onde manifestações do grupo acontecem, ela propôs à direção da escola a realização de batalhas de poesia com crianças e adolescentes, com auxílio de Emerson Alcalde. A proposta foi aceita e as crianças passaram a realizar suas narrativas com leituras das poesias. Com o apoio dos livros dos próprios grupos *Slam*, esse movimento acabou se desenvolvendo dentro da escola e surgiu a competição de poesia intersalas, com periodicidade mensal (MELO, 2021).

Em 2015 surgiu a oportunidade de concretização para ProAC – Programa de Ação Cultural de São Paulo, que é um programa de investimento direto do Estado em projetos culturais. De acordo com Mello (2021, p.105),

(...) quando eles concorrem ao edital do Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do estado de São Paulo. A Lei nº 12.268/2006. Neste ano, havia-se ampliado o edital para pessoas físicas, sendo uma oportunidade para a participação dos organizadores do Slam (MELO, 2021, p.105).

Para se inscrever, é necessário preencher um formulário online, com as informações gerais sobre a proposta do projeto cultural, podendo ser uma pessoa física de maior de 18 anos que comprove o domicílio há mais de 2 anos no Estado de São Paulo. A premiação corresponde em torno de R\$250 mil, chegando até a R\$ 400mil, de acordo com o segmento.

E o *Slam* da Guilhermina conseguiu ser selecionado no Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura e Economia, mesmo sendo uma manifestação diferente do sarau. Com isso, o coletivo propôs oficinas de poesias e competições de *slam* em escolas da região metropolitana da cidade de São Paulo, com o *Slam* Interescolar (Figura 12), e a produção do livro das ruas para as escolas, das escolas para as ruas *Slam* Interescolar-SP, organizador por Emerson Alcalde.

Em 2015, o coletivo começou a visitar as escolas para convidar e realizar as atividades com os alunos, entretanto, muitas vezes foi mal-recebido. Quando a escola tem alunos ou professores que conheciam e acompanhavam os *Slams*, o tratamento era mais receptivo e, assim, conseguiram algumas autorizações para participar das batalhas de poesia. A divulgação das atividades dava-se por meio de visitas às escolas e divulgando cartazes pelo bairro.

Durante a primeira edição do Interescolar, somente duas escolas participaram da batalha de poesia e ao final foram entregues troféu, medalhas e certificados para os participantes e a vencedora ganhou um tablet.

Na segunda edição, houve a participação de 20 escolas, e o evento ocorreu no Centro Cultural de São Paulo, enquanto a terceira contou com participação de 40 escolas, reunidas no centro de São Paulo, próximo a região da Vergueiro, não há divulgação específica da localidade dessas escolas, mas as parcerias foram estabelecidas com Escolas Estaduais.

Assim,

Professoras/os explicam a importância do evento para ter um diálogo melhor com estudantes, sendo a poesia uma forma de entenderem suas realidades que vão além da formalidade da sala de aula e, ao mesmo tempo, tratar temas da realidade como desemprego, preconceito, entre outros (MELO, 2021, p.110).

Para participar do *Slam* Interescolar, a escola deve realizar pelo menos um campeonato interclasse de poesia falada, onde será selecionada(o) a(o) poeta que irá representá-la no Campeonato Estadual. Todo o processo pode ser acompanhado pelo Guilhermina, que oferece formações e acompanhamento às escolas interessadas em realizar *slams*. As inscrições para o campeonato são realizadas via internet (Figura 12 e 13), sempre no meio do ano. No ano passado, o *Slam* Interescolar SP chegou à sua quarta edição. O evento aconteceu entre os dias 13 e 14 de novembro, no Sesc 24 de maio, e contou com dois dias de batalhas nas modalidades de fundamental dois e ensino médio em escolas públicas e privadas.



Figura 12 - Slam Interescolar.

Fonte: <https://www.facebook.com/slaminterescolarsp/photos/a.583804601785946/1602895553210174>

. Acesso set, 2021.



Figura 13 - Rede social do Slam Interescolar.

Fonte: https://www.facebook.com/slaminterescolarsp/?ref=page_internal.
Acesso et, 2021.

Em setembro de 2019, ocorreu o V *Slam* Interescolar SP - categoria ensino médio com projeto “Das ruas para escolas”, e 15 de outubro de 2020 ocorreu *Slam* Interescolar seletiva A e B do coletivo *Slam* da Guilhermina da 3ª edição do edital de Fomento à Cultura da Periferia e da Secretaria Municipal da cidade de São Paulo. (Figura 14).



Figura 14 - Slam Interescolar SP

Fonte: https://www.facebook.com/media/set/?vanity=slaminterescolarsp&set=a.14110321990_63178.

Acesso set, 2021.

Foi realizado na escola (Figura 14), encontro com jovens do ensino médio e o organizador Emerson Alcalde de camiseta amarela com microfone em mãos. Em seguida temos a imagem dos organizados do grupo *Slam* da Guilhermina e *Slam* Interescolar realizando *Slam* Interescolar seletiva A e B que ocorreu em outubro de 2020 online. (Figura 15).

O *Slam* Interescola realiza divulgação do edital em abril para que as escolas possam se inscrever e participar do evento que tem duração de 3 a 4 meses até o grande encontro de batalha final do *Slam* Interescolar. Após a escola realizar sua

inscrição, dá se início as workshop realizado nas escolas com professores, coordenadores e diretores depois é realizado oficinas de teatro, escrita e voz com alunos como forma de incentivo para participar das batalhas e após esses treinamentos, dois poetas oficial do coletivo se direciona na escola para realizar uma batalha de poesia como preparo para o grande final do *Slam* Interescolar.

Os jovens que participar dessas batalhas costumam aborda atualmente assunto relacionados com saúde mental, depressão, falar de suas angústias e sentimentos que estão muitas vezes oprimidos como forma de desabafo, isolamento e as relações com pais e familiares.

Emerson Alcante em entrevista para TV Cultura menciona que a poesia é sensibilidade, ferramenta de compartilhar com os outros seus problemas e ser acolhido por outras pessoas. É uma forma de confraternização com as pessoas e ainda ele menciona que o *Slam* costuma ocupar espaços que muitas vezes não tem um poder público ao redor ou no local.



Figura 15 - Slam Interescolar seletiva A e B.

Fonte: <https://facebook.com/media/set/?vanity=slaminterescolarsp&set=a.1719030124930049>. Acesso set, 2021.

Para entender melhor a evolução que o coletivo *Slam* Interescolar teve em seus percursos e as mudanças e seus impactos, apresentamos alguns gráficos com a estatística de participação dos jovens durante as batalhas de poesia falada e também a participação das escolas públicas e privadas ano a ano, esses dados foram obtidos por meio dos organizadores do *Slam* Interescolar.

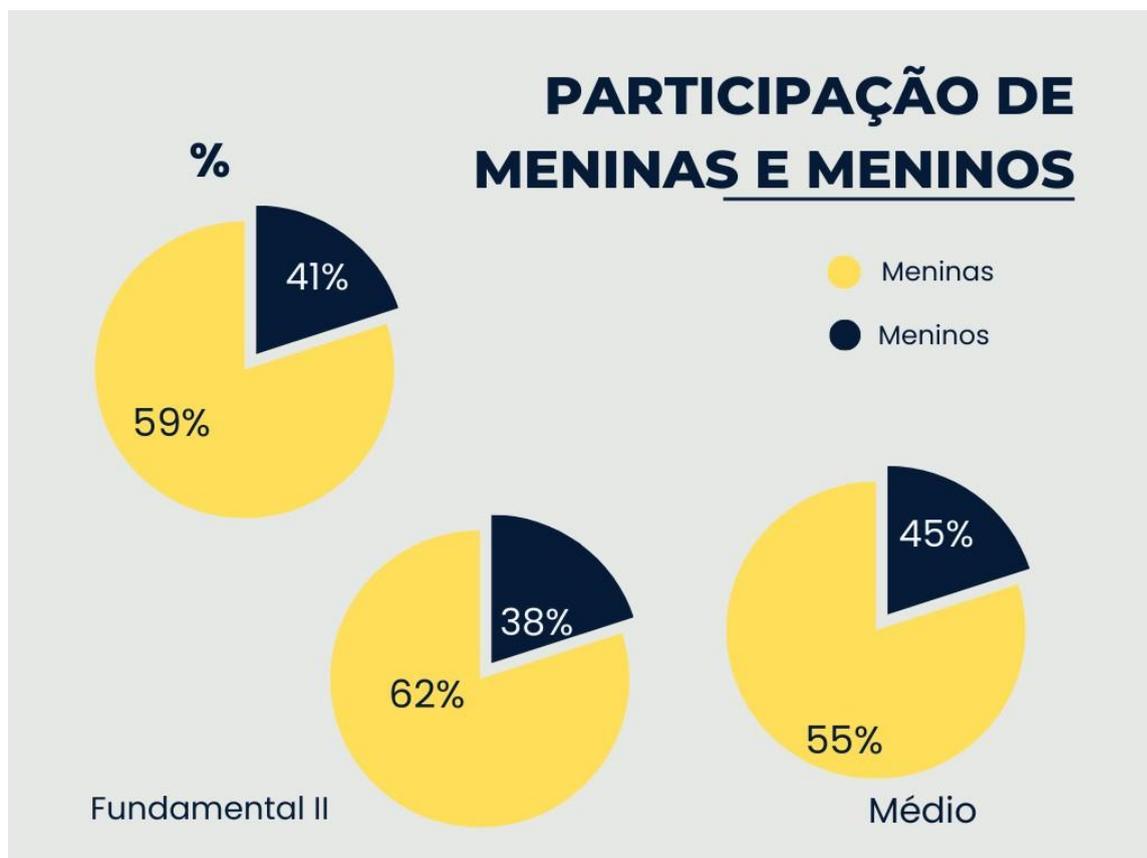


Figura 16 - Participação de Meninos e Meninas Slam Interescolar.
Fonte: Slam Interescolar, 2021.

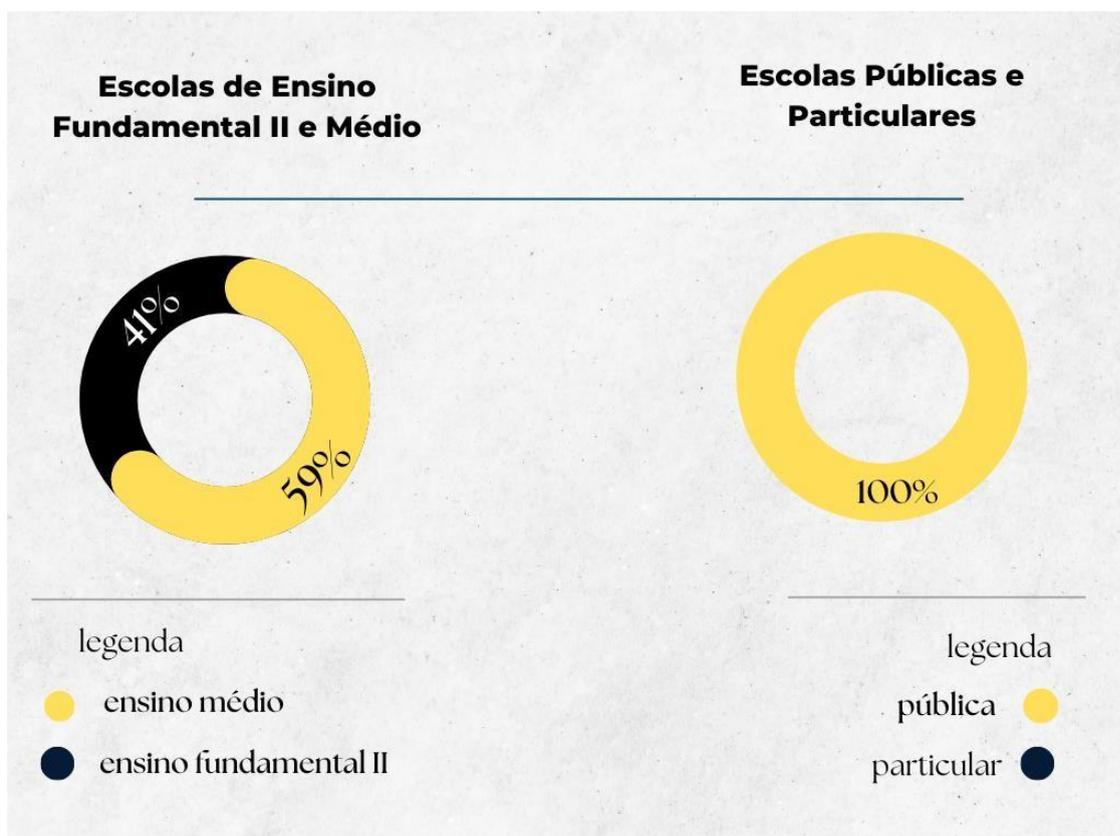


Figura 17 - Participação das Escolas Públicas e Privadas.
Fonte: Slam Interrescolar, 2021.

Diante das (Figuras 16 e 17) com dados apurados no ano de 2019, é possível perceber a participação de 100% das escolas pública pela primeira vez no Interrescolar. Sendo que não houve nenhuma mídia cobrindo o evento e 80 das escolas que participaram são da cidade de São Paulo.

Nas (Figuras 18,19 e 20), temos panorama da evolução geral do evento com informações de cinco edições lado a lado, sendo simples análise para entender como o Interrescolar evoluiu ano a ano dentro do ambiente escolar a partir de suas mudanças feitas pelo coletivo e os impactos enfrentados que muitas vezes não parte só da direção da escola, mas por professores e a crítica e denúncia de alguns pais contra as atividades de batalha de poesia realizada nos ambientes educacionais.

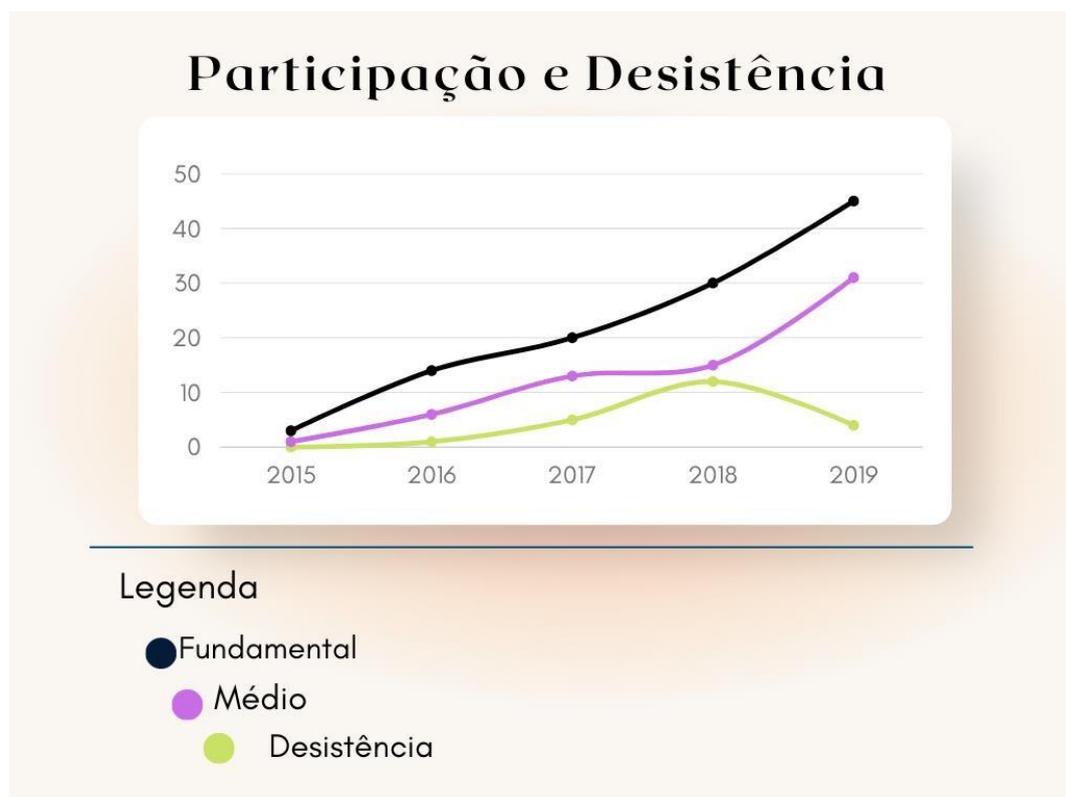


Figura 18 - Participação e Desistência.
 Fonte: Slam Interescolar, 2021.

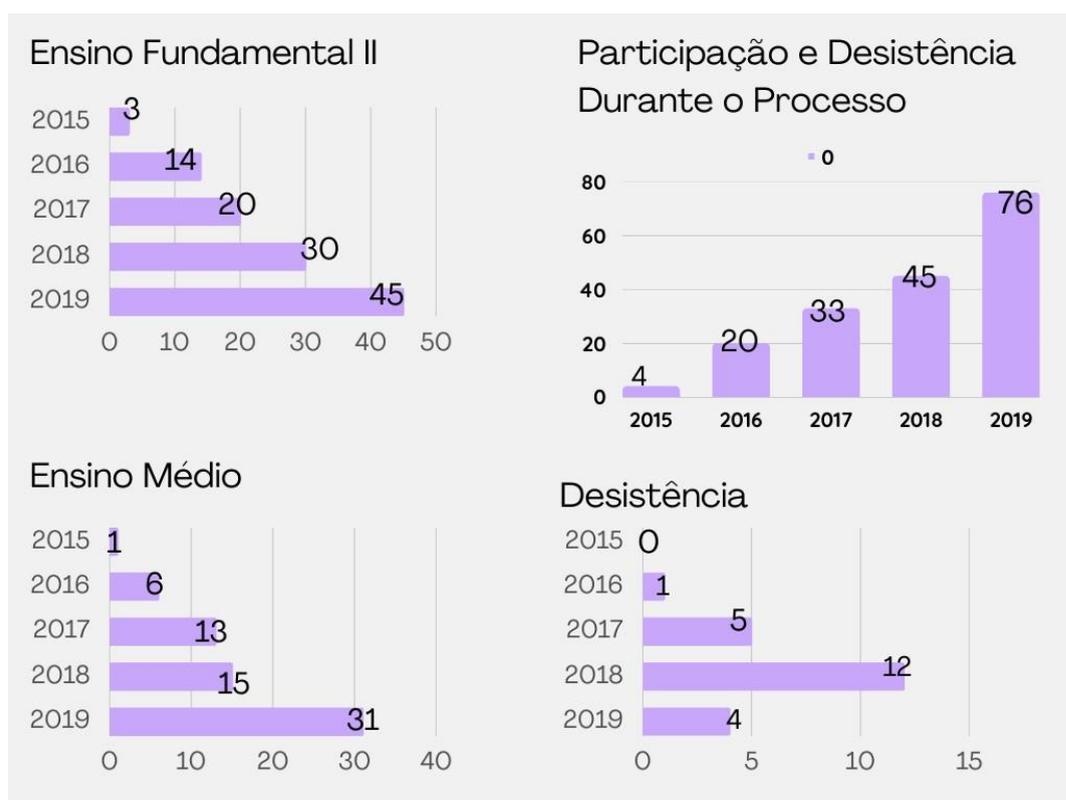


Figura 19 - Participação e Desistências das escolas.
 Fonte: Slam Interescolar, 2021

Importante esclarecer que na (Figura 19), os dados referentes ao ano de 2015a 2016 se refere aos números de escolas, já que nesse período os eventos não tinham divisão por categoria (SLAM Interescolar. p. 251,2021).

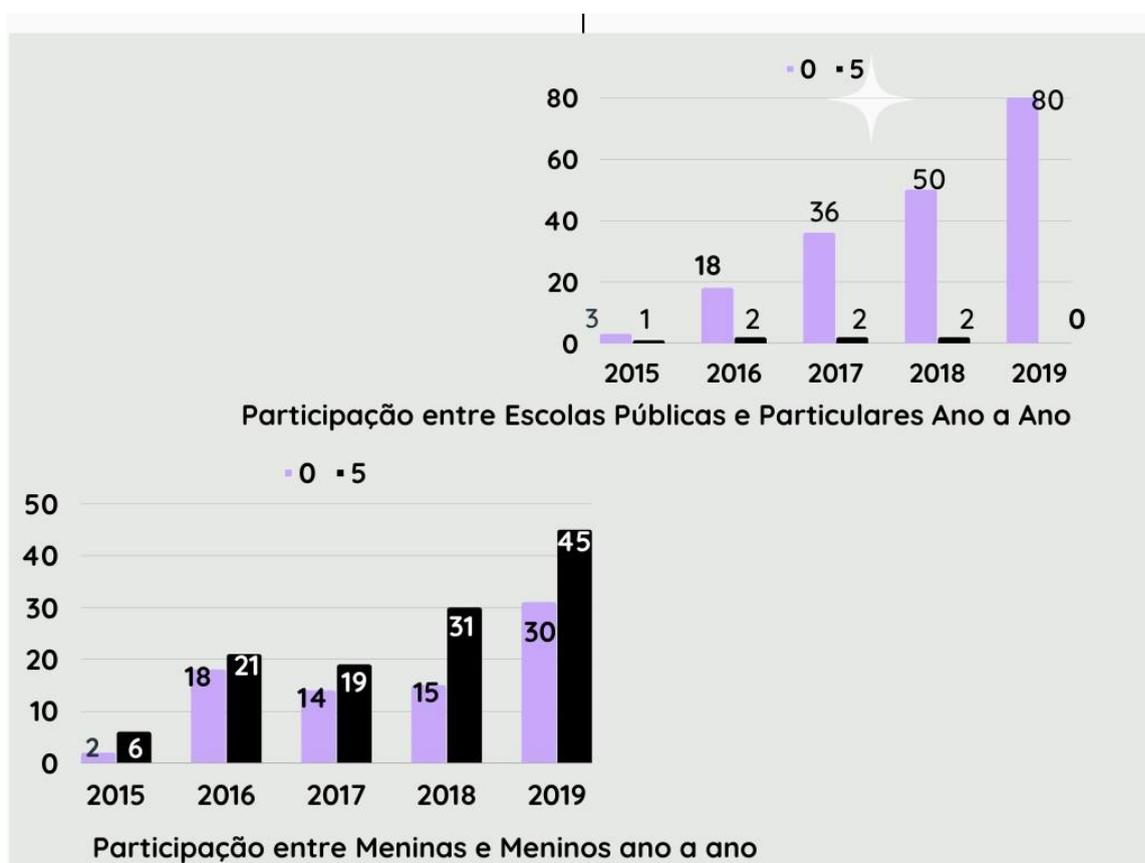


Figura 20 - Participação de Meninas e Meninos ano a ano.
Fonte: Slam Interescolar, 2021

E no dia 26 de novembro de 2022 o *Slam* Interescolar ganha o prêmio Jabuticom a categoria inovação com projeto de campeonato de poesia em escolas idealizado pelo Emerson Alcante com a maior premiação literária do país, na categoria Fomento à Leitura. Prêmio Jabuti é o mais tradicional e prestigiado prêmio do livro do País, conferindo aos vencedores o reconhecimento do leitor e da comunidade intelectual brasileira. A premiação contempla apenas o primeiro colocado de cada categoria. A obra vencedora em primeiro lugar ganhará um troféu Jabuti para o(a) autor(a) e um para a editora. Além do troféu, o autor receberá um prêmio no valor bruto de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais). A editora da obra receberá uma estatueta especial.

O *Slam* da Guilhermina tem um outro modo de manifestação de rua em comparação ao *Slam* Resistência que fica na praça Franklin Roosevelt (Figura 21), no centro da cidade de São Paulo.

Durante o documentário⁷, Haux Del Chaves fundador do *Slam* Resistência menciona que participava dos encontros que ocorriam na praça Roosevelt do chamado de Quintas da Resistências, e reunia advogados ativistas que realizavam movimentos sociais na região. Tratavam de questões sobre educação, saúde, economia e principalmente questões sociais e políticas, ligadas à violência e aos direitos humanos. Os encontros já aconteciam com algumas intervenções poéticas e um dos advogados sugeriu a criação do *Slam* naquele mesmo local.



Figura 21 Praça Roosevelt.
Fonte: Google Earth, 2021.

Chaves já conhecia e frequentava o *Slam* da Guilhermina, e com o apoio e parceria dos organizadores do *Slam* da Guilhermina e MC Cérebro começa realizar as atividades experimentais do *Slam* Resistência, o início das atividades oficiais aconteceu em outubro de 2014.

⁷ *Slam* Resistência – Documentário Ágora do Agora. Disponível em: <https://youtu.be/9xvcLSj-ICo>. Acesso em: 2021.

De acordo com Freitas (2020, p.3),

O *Slam Resistência* é o oitavo *Slam* mais antigo da cidade (ao final de 2017, estima-se que houvesse cerca de quarenta e quatro *Slams* só em São Paulo), fruto das intervenções poéticas feitas nas “Quintas de Resistências” – encontros que acontecia na Praça Roosevelt.

A localização foi escolhida devida à sua área geografia, e por ser região central que atrai várias pessoas, “seu maior público e seus poetas são maioria jovem entre catorze e trinta e cinco anos” (FREITAS, 2020, p.4). Sua primeira edição teve ajuda do Lews Barbosa criador do *Slam* do Grito, que de início teve 10 participantes e hoje a praça chega a ter em torno de 1000 pessoas (Figura 22).



Figura 22 Batalha de Poesia Slam Resistência na praça Roosevelt.

Fonte: <http://jornalismojunior.com.br/a-poesia-marginal-no-brasil-e-suas-diversas-vozes/>. Acesso 30set, 2021.

Os encontros eram gravados e divulgados em rede social, assim se ampliava a divulgação das batalhas de poesia que ocorriam com os grupos *Slams*, além dos ouvintes que não podiam comparecer aos encontros, mas acompanhavam pelas redes sociais. Com o seu grande desenvolvimento, o *Slam* da Resistência até o momento desta pesquisa é o *Slam* mais frequentado no centro da cidade de São Paulo e visto na internet pelo Facebook.

A Praça Roosevelt sempre foi ativa, com várias atividades culturais e sociais desde 1950, como cinema, grupos de teatro, diversificando tanto usuários e os usos da praça e arredores (FREITAS, 2020).

Neste contexto, Possignolo comenta que,

A praça é referência como lugar ativo de vida urbana diurna e noturna, espaço de atividades de skatistas, encontro de passeadores com cachorros durante o dia, diferentes eventos como meditação, aulas de yoga, aulas públicas, rodas de discussão, intervenções artísticas, musicais, ponto estratégico de encontro para vários protestos, consultas gratuitas com psicanalistas e desde 2014 passou a ficar conhecida também como a casa do *Slam Resistência* (2019, 124).

O símbolo que representa o *Slam Resistência* é um coração bomba (Figura 23), que tem como objetivo passar a imagem de explosão algo que se espalhar, e seu nome Resistência é escolhido pela finalidade de manter a resistência, manter poder de voz, espalhando e compartilhando suas narrativas.



Figura 23 - Símbolo Slam Resistência
Fonte: <https://www.facebook.com/slamresistencia/photos/a.737428373006551/3584682324947794>. Acesso 30 set, 2021.

Antes de iniciar a batalha de poesia é narrado o lema do grupo (Figura 24), dos *Slams*, cada coletivo possui o seu grito ao finalizar o poeta realiza sua apresentação dentro das regras estabelecidas que são padrão para quaisquer grupos do *Slam* no Mundo sendo o poema de autoria do poeta, duração de 3 minutos, sem nenhum adereço.



Figura 24 - O grito Slam Resistência

Fonte: <https://medium.com/@slamresistencia>. Acesso 30 set, 2021

Durante as batalhas são escolhidos os jurados aleatoriamente no público antes de iniciar as narrativas. Durante alguns encontros, os poetas questionavam sobre as notas recebidas e até ocorriam ofensas aos jurados. Mas durante uma batalha, o MC Cérebro integrante da organização *Slam* Resistência grita Credo! Paranota abaixo de 10, e assim surge a brincadeira com as notas. Em todos os grupos *Slam*, sempre que um poeta recebe uma nota menor que 10 o público vibra gritando Credo! descontraindo a situação.

É possível perceber que no *Slam* Resistência, o público é formado por jovens interessados com conexão de arte e ativismo em forma de poesia. Todos os grupos têm sua conexão, mas no *Slam* Resistência os temas têm potencialidade muito forte sendo centralizados a identidade nós *Slams* Brasileiros e conectados a outros fatores, sendo a principal a luta por direitos. A nossa sociedade é marcada por diversas lutas sociais, com esses movimentos não podemos deixar de mencionar a luta por narrativas femininas, por meio do *Slam* das Minas, que são grupos exclusivamente formados por mulheres, mas aberto para a todos os ouvintes.

O primeiro *Slam* das Minas surgiu no Distrito Federal, em 2015, formado exclusivamente por mulheres, com seu crescimento e desenvolvimento surgiram pelo Brasil vários grupos *Slams* das Minas, mas o nosso foco é no *Slam* das Minas de São Paulo, formado pelas organizadoras (Figura 25),



Figura 25 Organizadoras do Slam das Minas SP.

Luz Ribeiro ao lado esquerdo superior na foto, Mel Lisboa ao seu lado e Pam Araújo na sua frente com blusinha amarela e Carol Peixoto ao seu lado esquerdo na foto na parte inferior. Fonte: <https://www.vadecultura.com.br/musica/slam-das-minas-sesc-pinheiros/>. Acesso 30 set, 2021.

As organizadoras do *Slam* das Minas possuem publicações de livros relacionados com poemas e literatura, além de *slammers*, poetas, participam de saraus. Luz Riberio, ganhou torneios importantes de poesia, como: Flup *Slam* nacional em 2015, *Slam* BR em 2016, semifinalista na “Coupe du Monde de Poesie” Paris - França 2017, “Todo Mundo *Slam*” em Lisboa 2020 e *Slam* BR edição online 2021.

Mel Duarte, foi a primeira mulher a vencer o Rio *Poetry Slam* campeonato internacional de poesia falada. Em 2019, foi a primeira *Slammer* negra brasileira a lançar um disco de poesia falada intitulado Mormação entre outras formas de calor disponível em todas as plataformas. Carol Peixoto é Pedagoga e professora, descobriu a poesia em 2012, integra os coletivos poetas ambulantes e *Slam* das Minas

SP, participando de apresentações artísticas, intervenções urbanas, oficinas, debates e workshops. publicou Mexe a mão (2018), Dez luas (2017) e Bola, lápis e papel (2013) e Pam Araújo escritora, mãe, educadora e produtora cultural, é autora dos Zines Servielas (2012) e Fotossíntese (2014), e do livro de Poesias Buraco (2017).

Por meio das redes sociais, as organizadoras realizam atividades e eventos constantemente com o coletivo *Slam* das Minas SP, compartilhando os seus sentimentos, sofrimentos e lutas enfrentadas por das narrativas. Em seguida apresento alguns poemas que foi publicado no livro de Mel Lisboa uma das organizadoras do *Slam* das Minas com participação de várias vozes femininas e de forte presença nos *Slam*.

ESPANCAESTANCA

*Como faz pra apagar uma
lembrança? Quem estanca o que a
memória espanca? Isso de ser
mulher que sangra:
Pelas pernas
Pelos peitos
Pelos olhos
Me ilha em mim (Ribeiro, Luiz, 2019, p.129)*

MULHER DE PALAVRA

*Sou mulher de papel
Me compõem celulose e celulite
Me derreto fácil*

Me arremeso frágil

Me quiseram ágil

Eu leito, tento

Sou mole de iguais peitos

flácidosE sei farto

Outrora plácido

Hoje turbulento

Minhas estrias são mapas

Que não levam a lugar algum

São marcas de uma cansável aceitação

De quem já ousou caber nos incabíveis:

38, liso moda, mídia, média...

Fracasso, eu não me caibo

Meu mundo é vasto

Número 44

Punho de aço

Cabelo em riste

O abraçar mudo rápido

Solidão persiste

Amorenaram-me e eu amornei

Me queriam quente

Mas sou ardida

Instantaneamente em três minutos

Fico fria, vê?

Como mulher meu papel

*Deveria ser o de cuidar da família
Deveria ser o de servir a meu esposo
Deveria ser de gerar os cinco filhos
Deveria ser o de criar os cinco filhos
E ainda cuidar dos cachorros
Deveria ser o de propiciar o gozo*

*Mas eu devo e não nego
E essa dívida é uma dívida*

*E na dívida deixo o pagamento
Em aberto
Estou fora do prumo
Não ando nas linhas
Extrapolo riscar margens
Sou papelote*

*Sou só um risco na folha
E arrisco riscar poesias*

Eu rio ansiando amar

*Em mim, só o riso é frouxo
Talvez os braços também
Deixo todo o mundo escapar
Permaneço o que convêm*

As pernas são fortes

O chão é que me escapa]
Com mania de voo
Poemas dão asas
Eu não estou nos livros por isso escrevo
históriasE avançar do calendário
Demarca minha trajetória
Eu sou mulher de papel
No papel e fora dele
Que oxalá me permita agora
Ser uma mulher de palavra. (Ribeiro, Luz, 2019, p.137)

MANAS

Experimenta trocar a frase de lugar
Você me pergunta se eu já lavei a louça
E eu pergunto se pra guerra você já foi lutar
Mudou em quê? Em nada!
O machismo continua em nossas frases endereçadas ao outro gênero
Obrigação social em que reproduzimos o mesmo machismo nojento
Eles que têm que entender: não sou obrigada!
A ajudar na renda da família e sozinha arrumar a casa?
Jornada dupla? Não quero! Não me agrada!
Mas se dividirmos os afazeres quem sabe a gente não arruma até a sala?
Não precisamos!
Nos igualar ao opressor

Sermos nós as causadoras de donos
Não me misturo!
E a cada soco dado em uma de nós

Com mais desprezo e ódio, sim eu retribuo

*Não na porrada...
O que faz dele um animal
É o seu ponto fraco
Eu quebro ele é na palavra*

*Eu ando armada! dá melhor arma!
Consciência e sensibilidade é marca
Em cada uma de nós já registradas você entende que muitos vão
Também sangro a cada mina violentada!
Eu entendo a guerra!
Mas você entende que muitos vão
E nunca mais voltar dela
Não quero perder mais guerreiras
Empoderar as minas também é ensiná-las a não marcar bobeira
Com mente, coração e corpo tão vulneráveis
E fazê-las entender que merecem, sim um relacionamento de verdade
Com respeito, amor e amizade
E os cara? Ainda não viram nada!
Somos maioria, imagina todos nós empoderadas!
Mundo digno em que nenhuma de nós leve tapa na cara!
E esse mundo vai acontecer sem que eu precise dar golpe.
Eles não conseguirão me transformar em uma pessoa violenta.
Pra que com a minha ideia ele concorde
Sou forte!*

*Sexo frágil é o que eles têm entre as pernas
Não se equivoque!
Se eles só sabem bater
Sabemos pensar, olha que sorte!
Juntas somos mais fortes!*

*Respeito cada qual no seu corre
Se manifestar é importante
Mesmo que você seja do tipo Black block
Entendeu o toque?
Não é touch cscreen
Não deixe só a internet falar por si
Quero ter certeza de que você sabe se virar sozinha
Porque à noite é só você e a rua vazia.
Volte pra casa, bem-querida!*

*A violência que os homens praticam há anos não me define!
As manas me ensinaram o melhor grito de paz pra guerra na qual a gente vive: “meubem, o choro é livre!”. (Feliz, Marina, 2019, p. 145).*

SP/BRASIL

*Nossa criação
É a solução
A arte como espada pra vencer a opressão
Empunho palavras
E abracadabra!*

*A transformação, a evolução em um só refrão
Empunho palavra
E abracadabra!*

*A transformação, a evolução em um só refrão
Por que o quê que nós queremos?
Ser livres!*

*Quando nós queremos?
Agora!*

*Sem demora, tá na hora, vamos embora
Guerreiros Jorge, Marias e Francisco,
Prestem atenção ao com que bomba nos toca-discos
Zona Sul, Zona Norte, Leste, Oeste*

*O manto da diversidade é o que nos veste
Prédios, vigias, torres de comando
Bairros, vilas, trupes, grupos, bandos
Torcidas organizadas, trânsito desorganizados
Ágora onde se encontram presente, futuro e passado
Gente vinda de toda parte do Brasil e do mundão
Onde se prova do amor da solidão
Cidade amada, idolatrada de problemas e diferenças mil
É de onde eu vim
É SP/Brasil! (Estrela D'alva, Roberta, 2019, p.194).*

Apresentamos algumas poesias de vozes femininas que são de grandereferência e potencialidade dentro do *Slam* em geral e no *Slam* das Minas, que por meio de suas falas demonstram seus sentimentos, frustrações como forma de expressão de liberdade. Como Mel Duarte menciona em seu poema sobre a importância das mulheres com suas narrativas.

*Aqui estamos nós, donas de nossas próprias palavras,
revolucionárias do cotidiano,
regando a terra outrora batida por nossas antepassadas,
firmando nossas pegadas,
sabendo que hoje,
cada vez que nossa fala se propaga, equivale a dez que antes foram silenciadas
Mulheres de uma geração atrevida,
filhas dos saraus e das batalhas de poesia*

*alquimistas, libertárias,
propagandistas da oralidade
compartilhando nossas travessias,
bradando nossa realidade!*

*Sempre semeando essa terra verbo fértil
perpetuando nossa existência através de versos,
escrevendo quantos poemas manifestos forem necessários
por dia,
pra cada vida interrompida
ter mais valia
Não mais invisíveis,
não mais mercadoria
Se querem nos privar,
ocuparemos espaços
Se querem nos apagar,
escreveremos livros
Se querem nos calar,
vamos falar mais alto!*

No Facebook (Figura 26), do *Slam* das Minas podemos encontrar divulgação de eventos como oficina, workshops, batalhas de poesia e todas as quartas-feiras é realizado o encontro “Cozinhando Ideias”, sendo bate papo com convidados especiais. Durante os encontros realizados em ambientes virtuais a participação ativa do público é por meio de chat com vibrações e comentários durante as batalhas, ao contrário dos encontros presenciais, onde tem uma interação do público com o poeta com os gritos, palmas e até mesmo podendo atuar como um juiz. Por meio da plataforma digital é possível o público ser juiz mais é o processo selecionado com antecedência e no presencial é escolhido na hora. Os temas abordados são temas fortes como, violências, como racismo, estupro, gordofobia, ao término dos eventos, o clima, em geral, não é de tristeza, mas de alegria, (VELOSO, s/n, p. 6).



Figura 26 - Facebook Slam da Minas. Figura 27 Facebook Slam da Minas.
 Fonte: <https://www.facebook.com/SlamdasMinasSP/>. Acesso 01 out, 2021.

Os eventos costumam ter apoio e parcerias de algumas instituições como: Sesc, Mam, Tulane University e o Programa Fomento à Cultura da periferia da cidade de São Paulo da Secretaria Municipal de Cultura, todos os eventos são divulgados por meio das redes sociais das Instituições e do *Slam* das Minas, costuma ter grande participação do público presencial e online, em alguns casos as batalhas além do presencial são transmitidas on-line. As atividades não costumam ser só batalha de poesia, mas oficinas, workshop, nas redes sociais não menciona de umas frequências exatas que ocorrem as atividades anualmente além dos campeonatos que envolve outros coletivos que tem uma frequência de 2 vezes por ano como a Copa do Mundo *Slam*. As batalhas podem ter premiações como livros, camisetas, prêmios em dinheiro ou dependendo do evento pode ter bolsas-auxílio para os participantes de acordo com o regulamento do evento. Temos como exemplo a oficina ocorrida no dia 18 a 28 de agosto de 2021 chamada Jornada Latines Slam da Minas, um evento online que tem como tema poesia e o feminismo como base, trazendo debates e assuntos na América Latina (Figura 27).

VENEM AÍ A

JORNADA **LATINES**

Slam das Minas

EVENTO ONLINE

Data: 18 A 28 DE AGOSTO

Programação: OFICINAS, WORKSHOPS E BATALHAS

Realização: **sesc** 75 ANOS

Idealização: **Slam das Minas** + Mellon Program "Community-Engaged Scholarship"

Produção: **BAD RNA**

Apoio: **mam**

Figura 27 - Oficina Jornada Latines Slam das Minas.

Fonte: <https://www.facebook.com/SlamdasMinasSP/photos/a.967392710086502/2072898449535917/>.

Acesso 01 out, 2021.

As apresentações sempre se iniciam com grito de guerra, no *Slam* das Minas organizadoras iniciar as batalhas dizendo: é *Slam* das Minas! com o público respondendo: Manas (ou monas ou minas), monstras!

Paiva comenta que:

O *Slam* das minas é um exemplo de como a batalha de poesia Slam não apenas apresenta um discurso poético voltado às questões de gênero, mas também se define como um movimento sócio literário por sua própria identidade e autorrepresentação, no contexto da poesia falada/perfomática (2019, p.18).

Durante suas narrativas podemos identificar de onde os poetas vêm, e o que desejam dizer, sua força de expressão faz com que as pessoas que estão naquele território e que muitas vezes são silenciadas pela sociedade, possam transmitir suas angústias e desejos através de suas vozes. Mas o *Slam*, além de transmitir suas narrativas, também é espaço de escutas e reflexões, podendo o público se relacionar e interagir com as narrativas expressadas (PAIVA, 2019).

Diferente dos grupos apresentados anteriormente, o *Slam* das Minas não possui local fixo de encontro, é um grupo itinerante e costuma realizar várias apresentações nos encontros culturais como Biblioteca, Sesc, Bienal do Livro, Casas das Rosas e em espaços público pela cidade de São Paulo, e por meio das plataformas online, transmitidas pelas redes sociais, como Youtube, Instagram e Facebook. Existe uma grande integração (Figura 28), dos coletivos de outros Estados com *Slam* das Minas em São Paulo pela rede social.

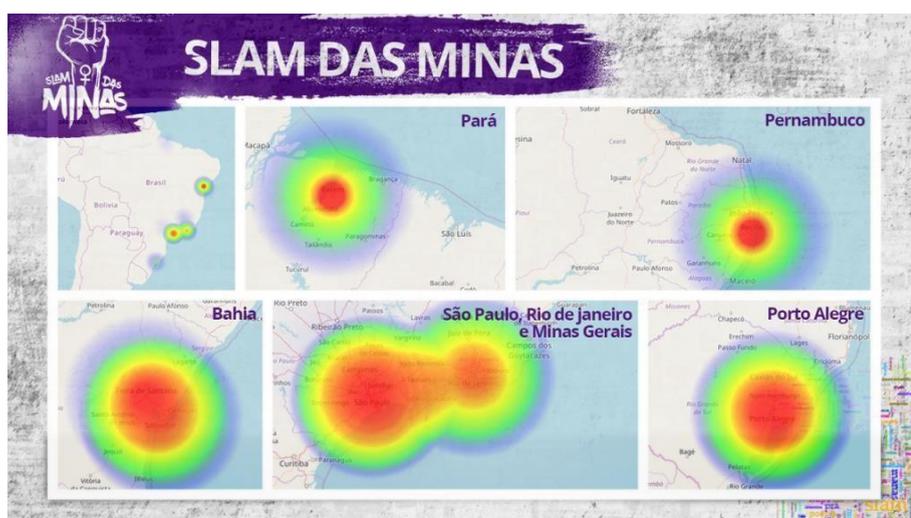


Figura 28 - Integração dos coletivos com Slam das Minas

Fonte: <https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/slam-das-minas-uma-rede-de-poesia-e-resistencia/>. Acesso 01 out, 2021.

As declamações dos poetas são temas livres, mas é possível identificar em suas falas os assuntos mais abordados, como observado durante a pesquisa, são referentes a mulher/mulher negra, racismo, pensamentos pessoais, histórias de vida, violência, política, feminismo, família, LGBTs, sexo/liberdade, sexualidade da mulher, e amor. Além dos temas abordados, o grupo *Slam* das Minas realizou levantamento de palavras e perfis, mais procurados e acessados na rede social do coletivo (Figura 29 e 30).

É importante frisar que cada narrativa possui sua abordagem com características e particularidades de cada poeta, dessa forma não é avaliado o poemado poeta, e sim a performance, criatividade, a originalidade, corpo e narrativa dos poetas. Em todos os encontros, os grupos *Slam* proporcionam um espaço de liberdade de expressão, para que todos se sentem à vontade, confortável.



Figura 29 - Perfis Citados do Coletivo *Slam* das Minas.

Fonte: <https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/slam-das-minas-uma-rede-de-poesia-e-resistencia/>. Acesso 01 out, 2021. Acesso 01 out, 2021.

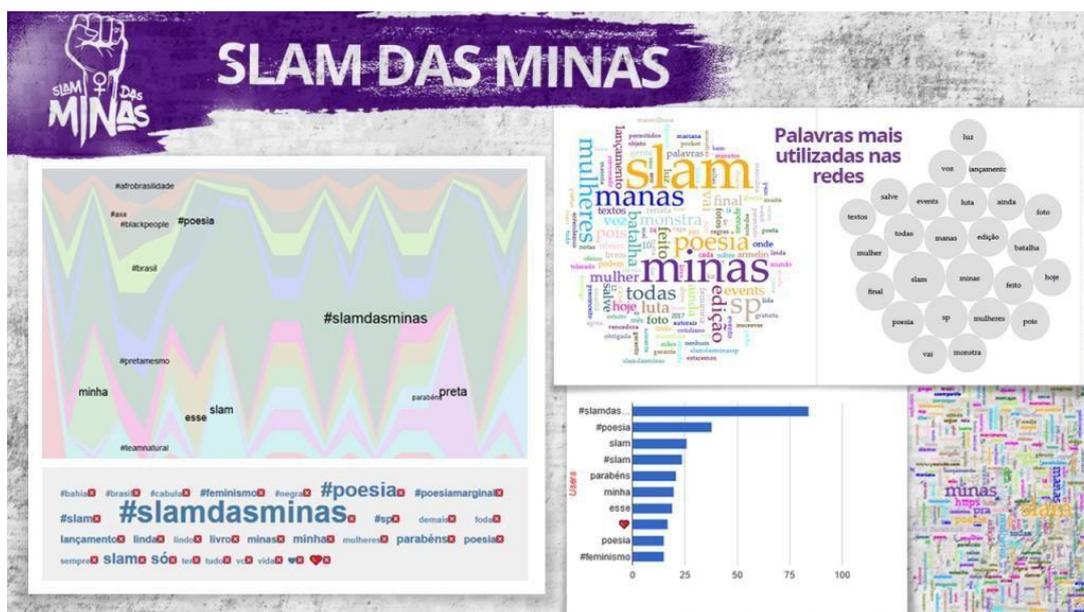


Figura 30 - Palavras mais utilizadas nas redes.

Fonte: <https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/slam-das-minas-uma-rede-de-poesia-e-resistencia/>. Acesso 01 out,2021.

Assim, os grupos *Slams* são torneios poéticos, que atuam como movimentos sociais e culturais artísticos pelo mundo todo. Apresentam questões da atualidade por meio da expressão das vozes dos jovens em suas narrativas. Os *Slams* trazem em sua essência a nossa cultura popular brasileira, que transmite conjunto de saberes com interação aos indivíduos em suas batalhas de poesias por meio das performances utilizando a voz e o corpo como expressão de liberdade no território.

3.2 APROXIMAÇÕES COM OUTRAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DE RUA E DE CULTURA POPULAR (REPENTE ONTEM, HIP HOP HOJE)

As batalhas de poesia falada trazem consigo a essência da cultura popular, que são transmitidas em suas narrativas, performances e por meio das histórias, lembranças e costumes que foram passadas de gerações em gerações da população periférica. A cultura periférica é conhecida pelo seu sistema de independência criada pelos próprios moradores para usufruir de seu lazer transmitindo valores social e as articulações políticas ou arte periférica que são conjuntos de ações como sarau de poesia.

O sarau de poesia são encontros realizados em casas particulares com apresentações de dança, teatro, literatura, poesia, leituras de livros, música,

comida típicas e artes esses encontros costumam ser realizado no final da tarde para noite com objetivo de se expressar e se manifestar por meio das apresentações artísticas. Como exemplo dessas atividades, temos os *Slams* e o repente como atividades de cultura popular, que fazem uso da palavra, da rima, do improviso, e de temas ligados às formas de vida cotidiana, e o repente nordestino, também conhecido como cantoria de viola ou poesia cantada.

O repente é uma modalidade da cantoria nordestina, na qual predomina a poesia do improviso. Trata-se apenas de um estilo de jogo de palavras realizado por duas pessoas construindo suas narrativas na hora do improviso. Por meio desta pesquisa é possível perceber as relações das narrativas, performance e comunidade dos repentistas e a dos grupos *Slams*.

Sua origem vem da região de Teixeira, na Paraíba no século XIX, localizada no sertão do Nordeste brasileiro. Tradicionalmente os cantadores e repentistas têm sua origem no campo rural, costumam-se reunir com familiares e amigos como uma forma de brincadeiras de roda realizando suas narrativas poéticas com a viola (SAUTCHUK, 2012).

Existem várias modalidades diferentes, como cantoria de viola, pé-de-paredeou repentistas na Cultura Popular Brasileira. O cantador que é aquele mais universal, do ontem, hoje e amanhã, que busca estar dentro da atualidade, tem sua essência diversificada, sempre se modernizando à medida que aparecem novas melodias, percussão e novos talentos. Já os repentistas são do momento sempre improvisando, procurando estar sempre atento às atualidades, ser dinâmico de vivência de estudos, trabalhar com senso de humor.

A cantoria era uma forma de aprendizado, como uma conversa informal aproximando os ouvintes da leitura através das narrativas. Com o passar do tempo, a poesia cresce e se torna muito forte na cultura popular brasileira, surgindo mais repentistas e cantadores, e tendo seu reconhecimento profissional. As apresentações são realizadas em dupla como competição, esses poetas são contratados para se apresentar em festivais que realizavam venda dos ingressos na entrada dos eventos, ou muitas vezes, os próprios poetas colocavam um prato à frente, para que o público possa contribuir com qualquer valor simbólico. O ganhador levará o prato de dinheiro como premiação de sua apresentação, que muitas vezes era seu meio de sustento.

Os repentistas passaram a levar as informações, os acontecimentos, o que, de certa forma, não deixava de ser uma “educação informal” que ocorria fora do ambiente escolar ou não tinha um planejamento de ensino. Essas manifestações aconteciam em espaços de atividades culturais com amigos e familiares que tinham interesse comum e demonstravam grande importância para a cultura popular. A população tinha grande dificuldade de se locomover devido à falta de transporte, assim as apresentações dos repentistas ocorriam durante os eventos, como nas “festas típicas”, que talvez fossem as únicas maneiras de diversão que se tinha naquele período ou naquele território.

Os repentistas costumam se localizar nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, realizam suas cantorias nordestinas abordando assuntos diversos do cotidiano, ao contrário do coletivo *Slam* que utiliza a poesia falada como forma de reivindicações de seus direitos. Segundo Sautchuk (2009), os cantadores percebem sua atividade como exercício de um “dom divino” que lhes permite tomar parte no fazer poético e criar e expressar em poucos segundos ideias e sentimentos em poesia seguindo regras consideradas necessárias para isso, a questão não é superar as regras, mas mostrar a capacidade de criar dentro delas e de concretizá-las na criação de cada estrofe. Dessa forma, os repentistas buscam novas ideias nos desenvolvimentos dos temas que muitas vezes são pedidos pela plateia e estimulam a disputa da cantoria durante a apresentação.

A palavra cantoria designa o conjunto da poesia oral cantada e improvisada, segundo modalidades e regras poéticas muito precisas, em que a performance oral condiciona em grande parte a expressão, pela instauração de uma troca frutuosa entre o cantador e seu público (Kunz, 2016). Ambos os grupos constituem uma arte tradicional brasileira movimentando o público por vários espaços, com transmissão e empenho poético, técnico e do corpo. Possuem diferenças em suas poesias e rimas, mas têm como propósito apresentar e incentivar o seu público a reivindicar algo, em busca de seus direitos como cidadãos.

Quando o poeta realiza uma apresentação improvisada, o público percebe a diferença entre algo preparado com antecedência ou improvisado. Por mais que o *Slam* tenha uma preparação de suas poesias antes da apresentação, não deixa de ser forma de improviso por ser poemas de

autorias. Os poetas devem escrever os seus poemas e apresentar tanto decorado como lendo, no momento da apresentação caso

o poeta esqueça da letra ele pode pedir pra iniciar do zero e verificar sua poesia com calma. Tendo a oportunidade de narrar novamente.

Na tradição da cantoria, o repente traz consigo a normatização com os padrões e regras estabelecidas, já no *Slam*, observa-se que as normas estão mais relacionadas a regras da apresentação do que à métrica dos poemas, e são em geral menos dominadas pelo público, que inclui em sua avaliação outros elementos desligados de normas de versificação (SOUZA, 2021).

No *Slam*, por sua vez, não há qualquer exigência em relação à preparação prévia dos versos, sua prática não exige improvisação. No Brasil essa forma poética tem um percurso diferente, na prática ocorre em locais mais esporádicos.

Assim, Kunz menciona que:

Os júris no caso do *Slam*, não é profissional, sua avaliação é mais subjetiva. Os critérios de avaliação não são fixos, haja vista a grande diversidade das formas e dos temas apresentados. Os textos imprevisíveis batem como portas ao vento, e talvez o essencial seja isso, essa surpresa veloz, e não os resultados da competição (KUNZ, 2016, p.91).

O orador é uma pessoa comum que, durante a performance, é recoberto por uma aura que o alça a uma esfera espetacular: sua voz se projeta ao longe, seus movimentos se amplificam, seu corpo preenche toda a cena (SOUZA, 2021).

Nesse contexto, podemos perceber que as habilidades principais do Repentistas são a capacidade de criar suas narrativas durante suas cantorias, reflexos de suas leituras e conhecimentos. E uma das regras dos repentistas refere-se às cantorias improvisadas e o método de planejamentos das estrofes de suas poesias, com isso o poeta cativa o público com os temas abordados ou atendendo os seus pedidos.

De acordo com Sautchuk (2009, p.205),

Essa identidade social coloca o poeta como pessoa diferenciada – o que é traduzido na ideologia do dom - e orienta as atitudes de ouvintes. O repentista faz a si mesmo na medida em que faz versos, pois é instituído por suas habilidades e técnicas, e pela função social de sua prática.

O repentista costuma não só improvisar sua fala, mas também suas

ações com parceiro uma vez que as apresentações são em dupla, reconhecimento da plateia, compartilhamento das ideias, a melodia, ritmo, com os discursos coerentes durante o improviso. Ao contrário dos *Slams* que os poetas produzem suas poesias, muitas vezes realizam suas narrativas lendo seus poemas. O *Slam* não exige regras na construção da poesia, uma vez que elas são expressões de particularidade dos

poetas. No caso das performances, os repentistas costumam realizar a apresentação com posturas fixas, pouco se movem e utilizam adereços como chapéus, violão para auxiliar na cantoria.

Kunz descreve a performance dos repentistas como,

Os rostos são graves, os olhares virados para dentro, na busca dos próximos versos. Com ou sem microfone, a voz vai longe, a respiração é controlada, o desafio pode durar horas, e a voz terá que resistir. Silencioso, o público aprova acenando com a cabeça, aplaude, mas não grita, não explode. Sua escuta é concentrada e respeitosa. Ao validar o talento do cantador, o público valida sua própria competência enquanto conhecedor de cantoria. Os corpos são contidos. São corpos que têm mais passado do que futuro. Talvez faça muito tempo que uns e outros morem na cidade e que levem nos ombros o peso da aldeia perdida onde nasceram (2016, p. 93).

No caso dos *Slam* as apresentações são individuais e tem duração 3 minutos para cada poeta, não é permitido adereços ou acessórios, o público fica em silêncio enquanto o poeta narra e ao terminar o público vibra, grita principalmente durante as notas dos jurados. As apresentações são seguidas umas às outras, um texto atrás do outro num tempo e período.

Kunz descreve a apresentação dos *Slams*:

No tempo de um piscar de olho, de um clique de mouse, passamos ao corpo seguinte, ao texto seguinte, e nenhum coincide com o outro nem no tema nem na forma, porém o espírito é coletivo: todos aventuram-se no universo da linguagem e buscam na palavra o âmago de uma compreensão do mundo que lhes sirva para ir adiante. O “eu” é muito presente, mas não é um “eu” inchado, é um “eu” que tem valor de nós e que solicita um encontro. As intervenções são rápidas e sinceras, sem muita reverência à arte da retórica acadêmica, mas saturadas de emoção, são vibrantes e surpreendentes, desordeiras e generosas, confidenciais ou revoltadas (2016, p.94).

Além das apresentações mencionada referente aos dos *Slams* e repentistas, não podemos deixar de mencionar o movimento Hip Hop que também tem uma relação com ambas as atividades artística cultural. No caso do hip hop temos os MCs que são os “Mestres de Cerimônias”, Estrela D’Alva

descreve:

A sigla MC também é interpretada como move the crew (agitador da multidão) justamente numa alusão a uma outra função que é conduzir o público dentro da “narrativa” da festa, mantendo - o animado e entretido, e microfone controle (controlador do microfone), já que o MC, de posse do microfone, é quem cria e desempenha o ritmo e poesia. (2014, p. 22).

As duplas são compostas por um DJ que é responsável pelos efeitos sonoros e MCs que se responsabiliza pela letra cantada, assim possuindo uma melodia chamamos de hip hop.

O Hip Hop surgiu no Brasil e nas periferias da cidade de São Paulo a partir dos anos 1980, que são manifestações criadas por cidadãos no cenário urbano da cidade, que estão ligadas diretamente à luta de classes e ao posicionamento dos indivíduos marginalizados e excluídos, que trazem novas formas estéticas e políticas de se fazer a arte.

As manifestações de batalhas de poesia, não se baseiam somente nas relações e semelhanças como apresentado, mas os jovens da periferia também buscam por meio da arte expressar os problemas e questões sociais, antes de iniciarem batalhas de MCs os competidores tiram na sorte para definir quem começa, assim o primeiro MC tem 45 segundos para atacar o parceiro e vice versa realizando uma “bate e volta” algumas participações podem ter tempo determinado e outras não dependendo do duelo. Na (Figura 31), apresentamos uma breve descrição das diferenças entre os *Slam* e Duelos MCs



Figura 31 - Diferenças Slam e Mcs.

Fonte: <https://www.otempo.com.br/infograficos/diferencas-entre-slam-e-duelo-de-mcs-1.1456215>.

Acesso 05 set, 2022.

O Hip Hop é conjunto cultural que inclui rap, grafite e dança e seu elemento de maior destaque são MCs que canta, dança e compõem as letras em forma narrativas relatando vivências ou fatos que presenciaram em seu cotidiano, podendo expressar conselhos, sugestões para solução de problemas narrados sendo uma forma de críticas sociais ou como um questionamento.

Um dos grandes e fortes impactos que temos como exemplo sobre o público, são os MCs que são vozes expressivas da cultura popular e porta vozes de uma poética urbana, que buscam pela autorrepresentação, contar sua própria história dentro de um determinado espaço diante da convivência em comunidade. Mas não é somente relatar e reivindicar sobre os problemas, mas também realizar um resgate de memórias e histórias para que não sejam esquecidas referente ao cotidiano brasileiro narradas em suas falas.

Lourenço (2010), comenta que muitos jovens que se associam ao hip hop adotam posturas contra a violência, mas optam por protestar nos espaços públicos como nas ruas, praças e parques da metrópole reivindicando seus territórios e marcando sua identidade por meio do movimento e a arte durante seus encontros.

Os *Slams* e o hip hop têm como mesmo objetivo, utilizar a fala como um posicionamento de reivindicação. Se apropriam de um lugar que é por seu direito, e que se apresentam diante de um público apenas utilizando microfones para dizer o que são, de onde vieram e que mundo acreditam ou esperam acreditar. Como Estrela D'Alva afirma:

É um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala e algo mais fundamental num mundo como o que vivemos: a escuta. (ESTRELA D'ALVA, 2014, p.120).

Durante os encontros de hip hop e dos *slams* é nítido perceber a diversidade nos espaços e nas falas dos sujeitos que dividem o mesmo espaço podendo ser estudante, professores, atores, profissionais liberais, MCs, jornalistas, dona de casa, dançarinos, vendedores ambulantes, todos reunidos em torno da apresentação dos poetas e seu microfone fazendo uso de liberdade expressão de seus pensamentos e ideias.

Sendo assim os poetas encontram a voz no movimento na qual se expressam suas dores, angústias que os percorre e ao mesmo tempo podendo

se manifestar expressar a vontade de mudar para uma situação melhor e tentam entender os problemas localizados nas questões sociais relatando a realidade da comunidade, preconceitos, discutindo questões políticas da cidade como uma forma de denúncia de seus problemas.

Ambas as manifestações culturais aqui apresentado possuem performances,mas com características diferentes, por meio de poetas com narrativas e abordagem diversas com objetivo e propósitos de atrair atenção e envolver o público, se tornando cada mais próximos, por meio das poesias sendo de uma forma geral uma manifestação cultural popular que se classifica por pensamentos, ações como forma de expressão e resistência nos espaços urbanos marginalizado, segregados. Tornando uma apresentação diversificada para atingir a todos envolvidos.

3.3 A RELAÇÃO ENTRE OS SLAMS E A CIDADE: TRANSITANDO ENTRE ESPAÇOS PÚBLICOS E CIRCUITOS CULTURAIS

Com a mancha urbana, que une os limites cidade de São Paulo aos municípios vizinhos, formando a região metropolitana, cria-se um modelo de segregação espacial que transforma a qualidade de vida pública da população que habita essas áreas, que não têm uma alternativa senão participar dos processos de autoconstrução e de ocupação de loteamentos irregulares, à margem das políticas públicas de planejamento urbano e territorial.

Com isso, surgem os enclaves fortificados que são espaços privatizados com lazer, trabalho e consumo, restringindo o cidadão ao acesso dos espaços públicos devido ao medo da violência em determinadas regiões. Esse fenômeno, dando relevância à contradição entre o processo de redemocratização política dos anos 1980 – após o afastamento dos militares do poder –, e a deslegitimação da cidadania civil, com o apoio dos meios de comunicação de massa, especialmente da televisão, ao celebrar ações policiais violentas e arbitrárias em áreas periféricas, em desrespeito aos direitos humanos, combinadas com a formulação de políticas de segurança que criminalizam a população pobre, preta e favelada, priorizando o encarceramento em massa, ao invés de privilegiar programas de prevenção ao crime e a recuperação de jovens infratores.

Entre os anos 1940 e 1980, conforme explica Caldeira, em paralelo ao crescimento populacional, a produção acadêmica dedica-se ao estudo do fenômeno de expansão urbana, concentrando-se na divisão entre centro e periferia, comparando a situação desigual, segundo a qual as classes de alto padrão econômico ocupavam bairros centrais, com suas casas luxuosas e fortificadas e os pobres residiam em precárias regiões periféricas da cidade.

A partir dos anos 1980 e ao longo dos anos 1990, período, intensificou-se a crise econômica, com as altas taxas de inflação, desemprego e o aumento significativo da pobreza. Em meio a essa condição social crítica, foram impulsionadas as organizações de movimentos sociais, influenciadas pela classe trabalhadora periférica, exercendo pressão política ao exigir do Estado melhorias de infraestrutura urbana, e serviços públicos nos bairros distantes do centro.

Em virtude da mobilização desses movimentos, alguns avanços foram alcançados após a reforma urbana do início dos anos 2000, com a discussão do Estatuto da Cidade. Com base nas diretrizes criadas para a implantação das Habitações de Interesse Social (HIS), foram implantados projetos habitacionais para população de baixa renda em áreas mais centrais, o que contribuiu para a migração de uma parcela da classe pobre para os bairros centrais da cidade, contudo os altos valores imobiliários não foram compatíveis com as rendas da classe trabalhadora, forçando-as a habitarem em cortiços na região central, ou em prédios comerciais e fábricas abandonadas.

O medo e a insegurança, associados à violência urbana, só têm aumentado com a persistência do padrão de segregação urbana, fazendo com que a violência em São Paulo também aumente nas ações da Polícia Militar na cidade São Paulo.

Caldeira descreve ainda um fenômeno recorrente na cidade de São Paulo,

Ergueram-se barreiras por toda parte — em volta das casas, prédios de apartamentos, parques, praças, complexos de escritórios e escolas. Edifício e casas que comumente se ligavam às ruas por jardins hoje estão separados por altos muros e grades e têm equipamentos eletrônicos de vigilância e guardas privados armados (CALDEIRA, 1997, p. 159)

Esses enclaves residenciais procuram atender a algumas pretensões de segurança associadas às necessidades internas das classes altas e

médias, incentivadas pela sensação de medo e desejo de se distanciar dos possíveis agentes da criminalidade. Assim, a elite não apenas deixa as ruas, mas essas, esvaziadas de pessoas e de atividades, deixam de ser espaços de sociabilidade.

Ao discutir sobre esse processo de enclausuramento das classes de maior poder aquisitivo, Caldeira descreve o declínio do espaço público:

Os enclaves privados e a segregação que eles produzem negam muitos dos elementos básicos que constituem a experiência moderna da vida pública: a primazia das ruas e sua abertura; a circulação livre de multidões e veículos; os encontros impessoais e anônimos entre pedestres; o lazer e os encontros públicos em ruas e praças; e, sobretudo, a presença de pessoas de diferentes origens sociais circulando e observando os que passam, olhando as vitrines, fazendo compras, frequentando cafés ou bares, tomando parte em manifestações políticas ou usando os espaços que foram durante muito tempo desenhados especialmente para o entretenimento das massas (passeios públicos, parques, estádios, pavilhões de exposições) (1997, p.164).

Esses novos empreendimentos acabaram criando espaços fechados e murados na cidade de São Paulo, contradizendo as diretrizes da reforma urbana.

Um dos objetivos a ser alcançado, era de espelhar e incorporar a reforma urbana moderna na cidade de São Paulo e se baseando na cidade de Paris. (Caldeira, 1997, p. 165), sendo um espaço aberto para ser usufruído e usado por todos e acessível a todos. O desenvolvimento dos novos espaços públicos tem servido como manifestações políticas como uma forma de reivindicações de seus direitos. Mas as cidades modernas sempre foram marcadas por suas desigualdades sociais e segregação espacial.

Mas a expansão da cidade em áreas próximas tem causado assentamento contínuo de moradores pobres num ritmo mais lento do que nas décadas anteriores. Os moradores estabelecem nos limites da cidade e continuam por meio das autoconstruções que gera grande politização, assim trazendo os movimentos sociais a construção do espaço, melhoria e experimentos democráticos.

Surgem novos instrumentos e espaços segregados que vem com o “objetivo de atingir isolamento, distanciamento e exclusão e os enclaves fortificados utilizam-se de alguns instrumentos de desenho que são, na verdade, instrumentos inspirados no planejamento urbano e na arquitetura

modernista” (Caldeira, 2001, p.128).

É possível perceber até momento que os espaços privados acabam sendo privilegiados e ganhando forças na cidade, mas o novo planejamento vem com o objetivo e propósito de mudar o acesso privado para público, dando acesso a todos com transparência e garantindo um mundo mais social.

Os enclaves fortificados hoje vemos com novos padrões que tentam quebrar a visão da exclusão social, com novos edifícios com fachadas modernas, as vezes espelhadas ou design diferenciados, quebrando a visão de edifícios privados. Seguindo novos padrões de edificações sem muros e dando acesso ao público como exemplo a Avenida Paulista que tem como boa parte dos seus edifícios dando acesso aos seus públicos diversificados.

Caldeira faz comparação da cidade de São Paulo com a cidade Los Angeles no sentido de utilização dos espaços públicos e privados. Convém mencionar que, conforme essa mesma representação, as duas cidades têm fatores comum, como no caso das elites que estão se recolhendo em ambientes privados e cada vez mais controlados e abandonando os espaços públicos para a população mais pobre. Caldeira ainda menciona “que nas duas cidades os debates de planejadores e arquitetos em que os enclaves são frequentemente criticados, mas também defendidos e teorizados” (Caldeira, 2001).

Nas cidades que possuem os enclaves fortificados, é visível a desigualdade social, as interações cotidianas com grupos sociais de diferentes classes sociais diminuem e os encontros ocorrem em locais protegidos entre pessoas pertencentes a grupos sociais homogêneos.

As comunicações entre as classes sociais não ficam totalmente isoladas, por meio dos canais de comunicações é possível que todos os cidadãos tenham acesso às informações sobre acontecimentos diários da cidade, como também sobre as atividades artísticas e culturais.

Segundo Caldeira, as fortificações criadas pelas classes superiores são antidemocráticas: “Uma das condições necessárias para a democracia é que as pessoas reconheçam os membros de grupos sociais diferentes dos seus como concidadãos, isto é, como pessoas que têm os mesmos direitos”. (CALDEIRA, 1997, p. 175) Neste caso fica clara a extensão das desigualdades sociais e a ausência de experiências e valores comuns.

Não importa qual a cidade é objeto de investigação, sempre que houver os enclaves fortificadas e segregação espacial, sempre haverá desigualdade social, mas é importante ressaltar que a atuação política nesses territórios faz se necessária a melhoria da habitação e qualidade de vida da população.

Magnani (2012), menciona a ocupação desses espaços com um olhar diferenciado apresentando a forma de ocupação dos espaços tanto na periferia como no centro da cidade de São Paulo, por um lado positivo diante dos problemas enfrentados.

Ao analisar as manifestações de cultura popular que ocorrem dentro de um território periférico, logo pensamos em quais os tipos de atividades que ocorrem nesse espaço, que são realizados e organizados pelos próprios moradores ou indivíduos que ali frequentam, podendo chamar o local como “pedaço”, Magnani descreve esse termo como:

O termo na realidade, designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. Pessoas de pedaços diferentes, ou alguém em trânsito por um pedaço que não o seu, são muito cautelosas: o conflito, a hostilidade está sempre latente, pois todo lugar fora do pedaço; é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo. Para além da soleira da casa, portanto, não surge repentinamente o resto do mundo. Entre uma e outra situa-se um espaço de mediação cujo símbolos, normas e vivências permitem reconhecer as pessoas diferenciando-as, o que termina por atribuir-lhes uma identidade que pouco tem a ver com a produzida pela interpretação da sociedade mais ampla e suas instituições. (p. 88, 2012).

No entanto para ser considerado do pedaço, não bastava somente passar pelo local ou frequentá-lo, precisa ser do pedaço ter laços parentesco, amigos vínculos com atividades comunitárias, conhecer os vizinhos, assim poder classificar o grau de familiaridade com os indivíduos daquele local.

Estes espaços são práticas de lazer como disputas de futebol, execuções, salões de baile, troca de informações, soluções de conflitos sendo assim esses espaços como “pedaço” são práticas coletivas, quando desfrutam de lazer fora do espaço e estão em companhia uns dos outros podendo ser considerado como forma de proteção que compartilham aquele lugar.

Ao sair do seu local habitat e interagir com as atividades que ocorrem

em outras localidades, como as regiões centrais temos como a convivência e ocupação de outros espaços, que torna as relações mais tensas devido a utilização do mesmo ambiente, com a diversidade dos indivíduos ali presente. È necessário haver regras estabelecidas para utilização dos equipamentos no mesmo território de uma forma organizada e de acesso a todos ali presente.

Não sendo difícil reconhecer e acesso a essas regiões centrais em outro ponto como descreve Magnani (2012), “o uso dos principais lugares de lazer havia uma diferença com a relação à Idea original de pedaço que havia a questão de vínculos e conheciam como portadores do mesmo símbolos e consumo e modos de vida semelhantes.”

Sendo assim quando esses indivíduos utilizam um espaço como pedaço vai em busca de exercitar seus códigos comuns, encontrar seus iguais e no caso de espaços mais amplos cede lugar para acontecimentos ou interações não previstas, podendo dizer que:

“A cidade, contudo, não é um aglomerado de pontos excludentes, sejam eles pedaços ou manchas: as pessoas circulam, fazem suas escolhas entre várias opções – este ou aquele, este e aquele e depois aquele outro - de acordo com determinada lógica. Mesmo quando se dirigem a seus pedaços habituais, no interior de determinada mancha, seguem caminhos que não são aleatórios. Está-se falando de trajetos. Este termo surgiu necessidade de se categorizar uma forma de uso do espaço que se diferencia, em primeiro lugar, daquele descrito pela categoria pedaço (MAGNANI, 2012, p.89).

As manchas citadas por Magnani, são as relações entre os espaços, estabelecimentos e os usuários, deslocando os indivíduos para regiões distante de seus bairros devido a diversidade dos espaços e suas necessidades que dão acesso aos equipamentos para suas atividades. Sendo assim podemos entender que o pedaço nada mais é que os espaço intermediário entre o privado que no caso a casa e o público.

Chauí descreve que as sociedades têm características mais isolada, fragmentação ou atomização de seus membros, forçando o pensamento moderno a indagar como indivíduos isolados. Já comunidade traz característica como membros natural de origem familiar biológica. Quando mencionamos sobre cultura, também identificamos a divisão de classes como apresentado por Caldeira.

A história tem sido luta de classes a marca da sociedade é a existência da divisão social sendo a divisão de classes, conhecida por diversos nomes

como divisãodominante, cultura dominada, cultura opressora, cultura oprimida, cultura popular e cultura de elite. (Chauí, P.8). A política neoliberal tem como objetivo de manipular o mercado, para que nem todas as classes tenham o mesmo direito,

Sendo assim,

Essa concepção da democratização da cultura pressupõe uma concepção nova da democracia. De fato, estamos acostumados a aceitar a definição liberal da democracia como regime da lei e da ordem para a garantia das liberdades individuais. (Chauí, 2008, p16).

As práticas liberalistas têm por sua vez identificar a liberdade de competição, com definições significativas e democráticas a livre iniciativa tem como objetivo de reduzir a competição econômica. Também tem por objetivo uma redução do poder judiciário limitando poder político defendendo a sociedade da tirania, garantindo que os governantes sejam escolhidos pela vontade da maioria.

Também há uma definição entre os poderes executivos e judiciários para conter os conflitos sociais e por último embora democracia tem sua eficiência justificada como “valor” ou “bem”, “encarada, de fato, pelo critério da eficácia, medida, no plano legislativo, pela ação dos representantes, entendidos como políticos profissionais, e, no plano do poder executivo, pela atividade de uma elite de técnicoscompetentes aos quais cabe a direção do Estado.” (Chauí,2008.).

A democracia é o direito de cada cidadão escolher o seu representante político em período eleitoral, que busca propor projetos de melhoria a população em várias questões sociais como saúde, educação, habitação etc. Assim o cidadão tem o direitode escolher aquele representante que propõem as mesmas ideologias de melhorias de seu eleitorado. Democracia não é apenas o direito de escolher o seu representante,mas também o direito de reprovar um político já eleito. A Democracia é único regime político aberto para mudanças temporais que fez surgir um novo “como parte de sua existência e, conseqüentemente, a temporalidade como constitutiva pelo seu jeito deser” (Chauí, 2008, p.18).

A periferia passa então a representar um conjunto social, identidade cultural e ultrapassa os conceitos geograficos e economicos para ser observado como designação de varios grupos, com características próprias,

vindo do povo, da classe trabalhadora e com participação ativa na sociedade em esferas políticas e com representatividade em meios de comunicação, campos culturais, profissionais e políticos.

Diante dos pontos apresentados podemos entender que a democracia moderna dá o direito e poder a população de eleger e reinstaurar seus governantes e dá o direito de reivindicação por meio de protestos e manifestações organizadas reivindicando seus direitos e melhorias.

Com esse direito o povo cria modos de expressar suas manifestações e direitos por meios das atividades artísticas e culturais, vem surgindo grupos culturais periféricos, usando vários meios de comunicação para expressar seus sentimentos e problemas enfrentados nas regiões periféricas de São Paulo, como uma forma de reivindicação. Não apenas a utilização de cartazes, gritos de guerra, grafites, pinturas em rosto, mas sim utilizando suas falas por meio de poesias faladas. Por meio da utilização dos espaços públicos esses grupos se reúnem, para expressar por meio de narrativas e performance apresentadas em suas batalhas de poesia na cidade de São Paulo, conhecidos como *Slams* que estão espalhados por vários bairros centrais e periférico da cidade.

No próximo capítulo buscamos apresentar os grupos *Slams* que realizam atividades artísticas culturais periféricas na cidade de São Paulo como forma de reivindicar pelos seus direitos como cidadãos, será possível perceber como o coletivo atua, se organiza e como é possível buscamos meios para uma qualidade de vida melhor diante dos problemas enfrentados.

3.4 A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS SLAMS

Durante as narrativas femininas observamos que suas abordagens trazem reivindicações e expressão de liberdade sobre diversos temas que muitas vezes não são compreendidos por aqueles que na realidade não estão em seus lugares de fala, seus lugares são situações passadas e vividas por aquele sujeito que descreve a situação.

Já citado anteriormente, o *Slam das Minas*, tem sua expressividade quanto movimento feminino, porém, a participação das mulheres não se restringe apenas à uma manifestação, onde as mesmas estão presentes em

diversas maneiras.

Muitas mulheres negras fazem parte dos *Slams* utilizando o espaço como forma de descrever suas experiências e aquelas que estão como ouvintes, passam a refletir sobre as narrativas e se sentem representadas porque elas que expõem seus sentimentos e descrevem acontecimentos que muitas mulheres podem não ter vivenciado, por ser experiências individuais. Mas independente dessa experiência servida ou não por outras mulheres elas se sentem representadas e acolhidas por todas que estão ali presente como ouvinte de sua fala, principalmente por não ser julgada pelo seu tema abordado e sim aplaudida pela sua força e coragem. É comum encontrar indivíduos que possuem, facilidade com alguns temas e não com outros, hoje em dia preciso ter cuidado ao realizar a fala de algum tema para que não soe como preconceito ou até mesmo racismo.

Ao expressar sua fala, Carvalho comenta que (2020, p.10),

(...) as pessoas têm a liberdade de se identificar e pertencer a quaisquer grupos sociais, e que, teoricamente, a linguagem é uma oportunidade de o indivíduo expressar suas ideologias, pensamentos e etc; podemos afirmar que não são todas as pessoas que possuem o privilégio de usar suas vozes para exteriorizar o que estão sentindo, para que sejam reconhecidas ou até mesmo visíveis numa sociedade marcada pela cultura hegemônica que silencia mulheres brancas, negras, homens e mulheres pobres e até mesmo crianças de quase todas as etnias. Isto é um fato porque até mesmo a própria literatura silencia certos grupos de pessoas que passam despercebidos na história, e principalmente há quem deseja que eles sejam excluídos da sociedade.

Com base no que foi exposto, a cultura hegemônica é o poder de influenciar uma grande massa pessoas no intuito de convencê-la de algo. E por meio das atividades artísticas que é possível identificar a importância da liberdade de expressão, trazendo os jovens para as batalhas poesias que muitas vezes são jovens marginalizados pela sociedade que, por meio de suas narrativas, denunciam problemas enfrentados. Djamira Ribeiro (2017) fala dessas experiências transmitidas por meio de suas falas.

Quando falamos de pontos de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania. Seria, principalmente, um debate estrutural. Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades (RIBEIRO, 2017, p. 35)

Por meio dos movimentos vem se destacando os sujeitos expressam

os preconceitos vividos por si sendo o único protagonista dessa luta. Essas identidades possuem grande importância no fortalecimento das falas, ajudam a estimular as discussões sobre as formas de violências contra mulheres, questões sociais, preconceitos e políticas.

Carvalho afirma que,

O *Slam* é um lugar oportuno de resistência, denúncia e protesto contra qualquer tipo de ameaça que fere a dignidade das pessoas que se encontram à margem. Sendo assim, essa performance é criticada porque chama muito a atenção e desconstrói o que é tradicional (2020, p.15)

Por meios das narrativas femininas podemos perceber a luta por romper preconceitos que a sociedade desigual, podendo refletir sobre um novo modelo de sociedade em que as mulheres possam divulgar suas produções intelectuais por meio das narrativas colocando suas condições de sujeito, que historicamente vêm fazendo resistência da resistência.

Ao mencionar as experiências dos indivíduos, mas necessariamente das condições sociais precisamos entender como o lugar social ocupado pelos grupos podem restringir as oportunidades vividas por eles Ribeiro menciona que,

Ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal. Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experimentar gênero de uma outra forma. (2019, p. 498)

Nesse sentido o que podemos perceber com frequência é a incompreensão do lugar de falar sendo confundido com a representatividade em outras palavras é necessário que a sociedade compreenda o lugar de fala da diversidade.

Ao obter conhecimento sobre o lugar de falar é uma postura ética fundamental para saber onde falamos, para refletir as hierarquias também as questões da desigualdade, racismo, sexismo e pobreza.

Assim podemos entender que todas as pessoas têm o seu direito de falar, a partir do seu lugar fala devido a sua localização social. Muitas vezes um determinado

local pode influenciar no comportamento cultural do indivíduo, tendo uma alteração em seu comportamento sendo o mesmo indivíduo.

A sociedade Brasileira ela tem uma herança escravocrata, onde pessoas negras irão presenciar discriminação racial em um lugar que é objeto de opressão. Já as pessoas brancas vão ter experiências diferentes em lugares que se beneficiam da mesma opressão.

Porém ambos os grupos devem discutir essa questão em lugares distintos, por meio das narrativas de sujeitos que vivenciam esse preconceito, mostrando o outro lado da cultura brasileira, mostrando uma perspectiva de cultura e não o vencedor.

Além dos espaços físicos temos os espaços virtuais que tem sido um espaço de disputas das narrativas, dando espaço para aqueles que são discriminados a encontrar ali o seu lugar de fala e o lugar de existir por meio de várias plataformas digitais.

Ribeiro ainda reforça que,

Como expressar-se não é direito de todos e todas – ainda há a necessidade de democratização das mídias e rompimento de um monopólio-, a discussão sobre liberdade de expressão também não pode ser pautada unicamente no direito -não absoluto- de expressar opiniões. Friso que mesmo diante dos limites impostos, vozes dissonantes têm conseguido produzir ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica (2019, p. 753).

Por, mas que essas vozes lutem por seus direitos, muitas vezes são acusadas injustamente por lutarem contra a violência. Roberta Estrela da D'Alva foi diretora de um documentário do *slam* com nome Voz de Levante que é mencionado sobre a escolha do nome desse documentário, mas detalhado em anexos, mas o argumento utilizado pela D'alva que são: referentes a revolução, algo que inicia e finaliza, e inicia de novo como ciclo, uma reivindicação.

Já Ribeiro usa esse termo Levante de vozes como “um grupo que sempre teve poder, numa inversão lógica e falsa simetria causada pelo medo de não ser único” (2019, p.787)

Podemos concluir que o lugar de fala seria uma das formas de romper com as silenciadas, daqueles que são ou foram subordinados. Dando a voz a todos como uma forma de reivindicar sua humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo reconhecer e mapear alguns grupos envolvidos em atividades culturais de rua, procurando compreender como as ações de reivindicações por direitos sociais e urbanos da periferia da Zona Leste de São Paulo.

O tema escolhido foi baseado pela localização, residindo na Zona Leste, o que despertou o interesse em conhecer e acompanhar os problemas urbanos diante das atividades propostas pelos coletivos por meio da fala dos sujeitos periféricos. Diante do contexto, é possível perceber que as dificuldades e os problemas urbanos enfrentados diariamente pelo cidadão continuam existindo, mesmo com a evolução da cidade, as modificações sociais e políticas, a sociedade periférica continua batalhando pelos seus direitos em busca de melhorias. As políticas públicas, leis que são impostas pelo Estado e a constituição que tem seus princípios e diretrizes como forma de organizar a vida do país, estabelecidas na teoria, porque, na prática isso não ocorre.

Para que possamos pensar em uma qualidade de vida para sociedade, como uma questão de evolução urbana, a cidade precisa ser vista e ser tomada na sua realidade, realizando projetos e planos de forma coletiva para um melhorar seus problemas urbanos, com a efetivação de políticas públicas nos territórios periféricos.

Por meio das manifestações artísticas culturais, a população vem encontrando meios de se manifestar e mostrar suas indignações contra o Estado, dessa forma apresentamos os grupos que se dedicam aos Slams, que realizam suas reivindicações por meio de suas narrativas através dos jovens, utilizando a voz como forma reivindicações para tratar de assuntos que julgam importantes ou que em sua ótica são suprimidos pelo Estado, onde por meio de interação com território urbano e com as redes sociais, incentivam os jovens a se expressar, buscar por seus direitos como cidadãos. ,

Os grupos buscam interagir com jovens por meio de atividades presenciais e virtuais, atraindo um público de sua região ou de qualquer outra. Não precisa ser da periferia para estar a periferia ou ser poeta nos Slams somente é necessário estar presente e participar como ouvinte, jurado, ou,

sendo um poeta. Dessa forma o coletivo vem crescendo e se apropriando dos espaços da cidade e cibernético mostrando por meio de sua performance e potência de sua fala no território, trazendo vida para aquela praça ou rua que muito vezes foi esquecido como um local para todos e de todos.

Por meio da poesia como forma de reivindicação as manifestações também trazem atenção e interesses como forma de aprendizado em seus estudos, ou, até mesmo como forma de um dispositivo antidepressivo, no qual não só fortalece a luta dos poetas, mas de todos como luta antioletivo.

Durante o estudo foi possível perceber ausência de literatura relacionada ao coletivo Slam Interescolar, que se refere na perspectiva de futuro para os jovens poetas, suas dificuldades durante o processo e trajetória, assim como o apoio familiar.

As informações aqui apresentadas foram adquiridas por meio dos livros dos coletivos e pesquisas bibliográficas, sendo a maioria com abordagem da literatura marginal, temas das poesias, com o maior foco nos coletivos que atuam em praça pública. Acredito que o Slams proporciona um vasto conhecimento direcionados para várias áreas como antropologia, pedagogia, literatura, saúde, direito, urbanismo entre outras e até momento poucas áreas foram encontradas durante a pesquisa que abordam os grupos Slams.

Assim esta pesquisa teve como resultados pretendidos mostrar que, por meio do espaço urbano, existem muitas formas de pesquisar o cidadão e o território periférico, através de suas diversas culturas, diferentes etnias, identidades, memórias e suas narrativas, personalidade e a interação com todos os ambientes frequentados e habitados.

Esse estudo não teve um fim em si só, mas evidenciou que outras variáveis são necessárias e carecem de mais estudos para o aprofundamento do tema. Sendo assim, ele trouxe importante contribuição para que outros pesquisadores ou interessados possam tê-lo como base.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, JOÃO MAURO BARRETO DE. Voz, viola e desafio: experiências de repentistas e amantes da cantoria nordestina. 2010. 304 p. Tese de Doutorado (Programa de Pós - Graduação em História Social) - Universidade de São Paulo., São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16112010-101359/publico/2010_JoaoMauroBarretodeAraujo.pdf. Acesso em: 29 nov. 2021.

ALCALDE, Emerson. Nos Corre da Poesia. São Paulo: Ed. Do Autor, 2022

BARBOSA, Liége Freitas. Entre Peleia e Chamego: Um Estudo de Práticas, Performances e Ambivalências em Batalhas de Poesia do Slam no RS. Orientador: Prof. Dr. Rosa Maria HesselSilveira. 2020. Tese de Doutorado (Programa de PósGraduação em Educação) - A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/216863/001120951.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 dez. 2021.

COELHO, Rogério Meira. A palavração: atos político-performáticos no Coletivo Sarau de Periferia e Poetry Slam Clube da Luta. Orientador: Maurilio Andrade Rocha. 2017. 144 p. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Artes) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-ARTH6W>. Acesso em: 13 dez. 2021.

CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. Crítica y emancipación: Revista latino americana de Ciencias Sociales, v. 1, n. 1, p. 53-76, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4657030/mod_resource/content/1/Chai%20Cultura%20e%20Democracia.pdf. Acesso em: 05 jan 2022.

CHAUI, Marilena. Democracia e Cultura. São Paulo: Editora Cortez, 1999, p.304.

CRUZ, Brenda Evangelho da. A voz empodera: um estudo de campo sobre o Slamdás Minas-POA. 2019.

DIAS, Raíssa de Araujo et al. Slam resistência e as microterritorializações urbanas.2019.

DO CARMO, Thiago Vital; PORTO, Mateus Menegossi; DELL'AQUILA, Giovanna Russo. SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NA PERIFERIA DE SÃO PAULO: Análise da vulnerabilidade social em enclave fortificado por meio de geotecnologias. Anais do XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana-XVI SIMPURB, v. 1, p. 3850-3869, 2019.

DO RIO CALDEIRA, Teresa Pires. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. Editora 34, 2000.

DO RIO CALDEIRA, Teresa Pires. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. Novos estudos CEBRAP, v. 47, p. 155-76, 1997.

D'ALVA, Roberta Estrela. SLAM: voz de levante. Rebento, n. 10, p. 268-286, 2019.

D'ALVA, Roberta Estrela. Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC. Perspectiva, 2014.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. São Paulo: FFLCH, 2013.

DUARTE, Mel (org.). Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta Brasil, 2019. 224 p

FREITAS, Daniela Silva de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40185915>. Acesso em: 18 dez 2021.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Lamparina, 2013.

HOLSTON, James. Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

HORI, Paula. ST 6 Os Coletivos Urbanos da cidade de São Paulo: ações e reações. Anais ENANPUR, v. 17, n. 1, 2017. Disponível em: <http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/2229/2208>. Acesso em: 28 dez 2021.

KUNZ, Martine Suzanne. Slam francês e cantoria nordestina: voz, corpo e poesia. 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/26045>. Acesso em: 29 dez 2021.

HENRI, Lefebvre. O DIREITO À CIDADE. São Paulo: Centauro, 2001.

MAGNANI, José Guilherme C. Da periferia ao centro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

Marcello Giovanni Pocai Stella, «A Batalha da Poesia...», Ponto Urbe [Online], 17 | 2015, posto online no dia 15 dezembro 2015, consultado o 01 outubro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2836>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.2836>

MARICATO, Ermínia. Para entender a crise urbana. CaderNAU, v. 8, n. 1, p. 11-22, 2015.

MARTINS, José de Sousa. “Depoimentos “. In: Espaço & Debates, n 42, Periferia Revisitada. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, 2001. p. 75 a 84.

MARTINS, Maria Lucia Refinetti. São Paulo, centro e periferia: a retórica ambiental e os limites da política urbana. Estudos Avançados, v. 25, p. 59-72, 2011.

MELO, Carolina Nascimento de. A encruzilhada e as possibilidades do protagonismo da juventude negra: o caso do Slam da Guilhermina. 2021.

MELO, Carolina Nascimento de. A encruzilhada e as possibilidades do protagonismo da juventude negra: o caso do Slam da Guilhermina. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14167>. Acesso em: 14 dez 2021.

MENDES, Ana Cristina; SCHONARDIE, Elenise Felzke. SEGREGAÇÃO E ESPACIALIZAÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS: ENCLAVES FORTIFICADOS. Seminário Internacional de Direitos Humanos e Democracia, p. 14-14, 2018.

PAIVA, Edson Prazeres Ribeiro. Batalhas de poesia Slam: representatividade sócio-literária 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14457>. Acesso em: 01 jan 2021.

PEREIRA, Cilene Margarete; ESPOSITO, de Oliveira, Domyrique Roberta. Espaço feminino nas competições de poesias Slam: discurso de resistência na performance de Gabz. *Revista Crítica Cultural*, v. 14, n. 1, p. 99-110, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.v14e1201999-110>. Acesso em 01 jan 2022.

PINHEIRO, Ingrid Monteiro. O espaço da mulher se amplia a cada momento: uma reflexão da (re)invenção da cantoria a partir da trajetória de mocinha de passira. Ceará, ano 1999, p.12,1999. Disponível em: http://uece.br/eventos/eehce2016/anais/trabalhos_completos/249-20609-30012017-100357.pdf. Acesso em: 29 dez. 2021.

ROLNIK, Raquel. Territórios em conflito: São Paulo: espaço, história e política. TrêsEstrellas, 2017.

SANTOS, Natielly de Jesus. Slam das Minas–Bahia: A performance poética de corpos de resistência. *Revell-revista de estudos literários da uems*, v. 2, n. 25, p. 682-697, 2020.

SAUTCHUK, João Miguel Manzolillo. A poética do improviso: prática e habilidade norepente nordestino. 2009.

SEGALLA, Jeisiane Bruna. Redes e coletivos poéticos: as resistências da internet. 2017. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/handle/riupf/1418>. Acesso em 28 dez 2021.

SILVA, Maria Ivoneide. Cantoria de viola nordestina-Narrativas sobre a vida e a performance dos repentistas. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29727>. Acesso em: 15 dez 2021

SOUZA, Tiago Barbosa; KUNZ, Martine Suzanne. Cantoria Brasileira e Slam: poéticasda performance. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 11,

2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-2660102580>. Acesso em 30 dez 2021.

SLAM INTERESCOLAR. Das ruas para Escolas, das escolas para as Ruas. São Paulo, 2021.

VELOSO, Ana Clara et al. Slam das Minas RJ: A Articulação das Mulheres pela Poesia e pelo Território¹². Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1890-1.pdf>. Acesso em: 05 jan 2022.

VILAR, Fernanda. Migrações e periferias: o levante do slam. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 58, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-4018588>. Acesso em 20 dez 2021.

VOLMER, Lovani; CONTE, Daniel; SOUZA, Suzana da Silva. Poesia Feminina: Considerações sobre o Slam na Cultura Contemporânea. Caderno de Letras, Pelotas, ano 2020, n. 36, p. 17, 2020. Disponível em: [HTTPS://DOI.ORG/10.15210/CDL.V0I36.16945](https://doi.org/10.15210/CDL.V0I36.16945). Acesso em: 15 dez. 2021.

ANEXOS

Relatório de Exibição do documentário “Slam: voz de levante” seguidode debate com as diretoras.

Mestranda: Angelina Pompeu Furtado Pires

Instituição/ Curso: Programa de Pós-Graduação stricto-sensu em
Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu.

Orientadora: Prof.ª Dra. Eneida de Almeida

Data do Evento: 01/09/2020

Local: Plataforma Zoom

Palestrante: Roberta Estrela D’alva e Tatiana Lohmann

Realizado: Programação e Produção Biblioteca de São Paulo

Horário de início: 19 horas

Horário de Término: 21 horas

Relato do Evento

A oficina tem como principal objetivo apresentar o documentário *Slam: voz de levante*, mostrando o surgimento e crescimento do *Slam* no Brasil e no Mundo. O filme celebra os 10 anos que o *Slam* chega ao Brasil através da Roberta Estrela D’alva, após o documentário é realizado um debate com as diretoras Roberta e Tatiana Lohmann. De início o nome do documentário era para ser *Valendo a Vida* e foi alterado para *Slam: Voz de Levante*. Tem como significado de revolução como se fosse algo que acontece, finaliza e acontece de novo um ciclo contínuo que muda de lugar, com várias revoluções e suas resistências.

É apresentada uma breve história do surgimento do *Slam* nos Estados Unidos por Marc Smith, mais especificamente em Chicago nos anos 1980, podemos perceber que as batalhas que ocorrem nos Estados Unidos e França, que possuem características diferentes do Brasil. Marc Smith comenta que a competição foca a atenção das pessoas, e o *Slam* vem para quebrar o paradigma que somente elite tem acesso a poesia, com o propósito de que a

poesia seja de todos para todos. Os encontros são realizados em espaços fechados como bares, teatros, clubes, as batalhas são misturas de poesia, performance e crítica sociais de um movimento que vem das periferias e outros territórios. No surgimento o coletivo veio com características masculinas, mas com o crescimento ganha espaço para mulheres que aproveitam essa oportunidade e desenvolvem cada vez mais e surgiu o *Slam* das Minas e se espalha por vários outros estados do Brasil.

Filme começa a gravação em 2011 e termina em 2017 nessa trajetória foi possível ver uma grande transformação do *Slam* como participação das periferias, com grandes números de mulheres e mulheres negras jovens, trazendo algumas questões como gêneros, LGBT, surdos abrir um espaço para novas vozes para que possam se expressar através de suas narrativas. Podemos conhecer alguns finalistas do campeonato sendo 4 mulheres negras (Roberta Estrela D'alva, Luz Ribeiro, Kimanie Jéssica Campos), e 1 homem (Emerson Alcante). As regras são simples e claras, o poeta tem até 3 poesias de até 3 minutos de sua autoria, sem acompanhamento musical. O tempo todo é feito em relação aos encontros realizados dos grupos *Slam* pelo Brasil, Estados Unidos e França e acompanhado a competição do Campeonato Brasileiro Poesia Falada e o Copa do Mundo de *Slam* em Paris mostrando por trás dos bastidores do preparo e apresentação dos *slammers*.

As batalhas que ocorrem fora do Brasil são narradas com a língua nativa do poeta, sendo transmitido por um telão sua tradução. O mais interessante nesse processo é que mesmo ocorrendo uma tradução de sua narrativa a vibração e atenção do público não é perdido ou mal compreendido devido a performance do poeta. Os grupos do *Slam* brasileiro é apresentado durante o documentário como o primeiro *Slam* de rua que é *Slam* da Guilhermina os encontros acontecem a noite numa praça ao lado da estação do metrô da zona Leste de São Paulo reunindo em torno de 400 a 500 pessoas, em contrapartida temos o *Slam* da Resistência que chega a ter um público de 800 pessoas numa segunda-feira a noite.

Para finalizar Roberta menciona que no Brasil os encontros trazem características de retomar os espaços públicos como seu por direito, uma política feita para as pessoas.

Relatório: Cultura Inglesa Festival - O que é Slam?

Mestranda: Angelina Pompeu Furtado Pires

Instituição/ Curso: Programa de Pós-Graduação stricto-sensu em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu.

Orientadora: Prof.ª Dra. Eneida de Almeida

Data do Evento: 12/03/2020

Local: Transmitido através do site: <https://culturainglesafestival.com.br/>

Palestrante: Roberta Estrela D'alva

Realizado: culturainglesafestival

Horário de início: 18 horas

Relato da Oficina

A cultura inglesa festival realiza uma oficina dividida em três dias com apresentação de Roberta Estrela D'alva no dia 12/03/2020 falando o que é o *Slam*? No segundo dia 13/03/2020 Joelle Taylor falando do *Slam* e Impacto social e no terceiro dia 14/03/2020 com Emerson Alcante falando do *Slam* para Todos! E logo depois nos dias 20 e 21 apresentações das eliminatórias e finais do concurso de poesia falada ao vivo às 14h e 16h30. Neste relato menciono as oficinas ocorridas nos dois primeiros dias.

Roberta menciona que recebeu uma sugestão de um amigo para assistir ao filme *Slam* de Saul Williams, ela se encanta e se apaixona pelo filme e logo fica pensando como poderia trazer o *Slam* para o Brasil. Ela busca informações sobre a história e trajetória e vai para Chicago conhecer Marc Smith. Logo após sua viagem o *Slam* começa a surgir com o grupo de teatro Núcleo Bartolomeu de eventos em que Roberta faz parte, mas somente em 2008 surge oficialmente o primeiro grupo de Slam chamado Zap! Zona Autônoma da palavra.

As batalhas não são iguais MC'S porque os poetas se preparam antes e os MC'S é realizado na hora (improvisado), a performance chama atenção do público e os poetas utilizam ao seu favor. Roberta ainda sugere os livros do poeta Bertolt Brecht que visavam esclarecer as questões sociais da época em suas obras, que fugia dos interesses da elite dominante. O *Slam* traz com si esse objetivo de a poesia ser de todos para todos.

Roberta menciona toda a história e trajetória do coletivo dentro e fora do Brasil, ainda divulga a novidade sobre o Campeonato Internacional que vai ocorrer em 2022 onde Brasil vai participar na Bélgica e em 2023 seremos sede para esse campeonato. Logo em seguida fala sobre o surgimento do *Slam* da Guilhermina e Resistência que muda a cara do *Slam* com utilização de espaço público nas periferias da Zona Leste de São Paulo.

E finaliza mencionando que o *Slam* na cultura não é apenas batalha de poesia, mas troca de conhecimento que vem crescendo a cada dia mais sendo nas ruas, praças e escolas.

No segundo dia Joelle Taylor, fundadora do *Slam* juvenil do Reino Unido, menciona que durante as batalhas é nítido que as narrativas dos jovens são de experiências vividas, uma linguagem política, numa corrente de busca de mudanças sociais. É um ato de descobrir, valorizar, fazer a comunidade identificar os assuntos políticos. As narrativas criam uma forma de expressar sentimentos, momentos de suas vidas através dos poemas.

Joelle narra alguns de seus poemas e finaliza dizendo algumas palavras e o que elas significam como:

- Poesia = Conexão
- Falada = Fazer
- Cultura = Orais
- Público = Editor

SLAM.BR Campeonato Brasileiro de Poesia
Falada Edição Especial On-
Line

Mestranda: Angelina Pompeu Furtado Pires

Instituição/Curso: Programa de Pós-Graduação stricto-sensu em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu.

Orientadora: Prof.ª Dra. Eneida de Almeida

Data do Evento: De 04 a 07 de março de 2021.

Local da transmissão:

- **Facebook do Slam Br** - <https://www.facebook.com/POETRYSLAMBRASIL/>
- **Youtube** - <https://www.youtube.com/user/nucleobartolomeu>

Palestrante: Roberta Estrela D'alva e Dani Nega

O projeto foi realizado com apoio: Governo do Estado de São Paulo, Programa Municipal de fomento ao teatro para cidade de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa, ProAc (Lei Aldir Blanc) e Governo Federal e Núcleo Bartolomeu.

Horário de início: a partir das 19 horas.

Relato do Evento

O Campeonato se inicia no dia 4 a 7 de março uma edição especial do *SLAMBR* com a participação dos campeões e campeãs das seis edições do *SLAMBR* (2014a 2020), além de campeões do *SLAM SP* (2012 e 2013) e *ZAP! SLAM* (2011) e todosos representantes do Brasil (Copa do Mundo de *Slam*), que acontece anualmente na França. As apresentações foram transmitidas através das plataformas do Youtube e Facebook. O evento tem como programação o campeonato de poesia falada, atividades online, como mesa de debate, exibição do filme *Slam: voz de levante*, oficinas e uma masterclass com o escritor Marcelino Freire. As inscrições para participação das oficinas e batalha de poesia foram divulgadas através da página do Facebook e Instagram.

Na abertura os poetas serão “recebidos” e apresentados por Roberta

EstrelaD'Alva e Dani Nega, informando a programação de todo o evento e apresentando os jurados. Durante a transmissão ao vivo é divulgado link nos comentários da plataforma convidando o público para participar como poeta ou se inscrever nas atividades que estão ocorrendo. Nesse primeiro momento o evento teve duração de 1h 53 min com participação de poetas de vários estados do Brasil, ao final Roberta explica como funciona o campeonato e suas etapas. Menciona sobre o campeonato que vai ocorrer na Bélgica em 2022 com participação até momento de 60 países podendo ter uma redução, em setembro de 2021 ocorre o *Slam* SP.

Nas próximas etapas ocorrem as batalhas de poesia com os campeões e campeãs do *Slam* sendo dividida em três partes. A primeira no dia 05/03 eliminatórias I com participação dos poetas Fabio Boca (ZAP! 2011), Emerson Alcante (SP/ 2013), Lucas Afonso (BR/2015), Bell Puã (BR/2017) e Kimani (BR/2019).

Nesta etapa somente 3 poetas passam para a grande final. Antes da batalha de poesia inicial é sempre apresentado individualmente a cada jurado. Caso ocorra instabilidade da conexão de algum jurado, existem jurados de reserva para cobrir aquele que teve queda da conexão. Os jurados não dão nota para poemas e sim para performance dos poetas e recebem as orientações de como devem avaliar os *slammers*.

As competições são acirradas com poemas originais de autorias, logo em seguida Roberta e Dani realiza apresentação dos poetas e solicita que ambos se apresentem e fala um pouco do que mudou na sua vida depois que entrou para *Slame* foram campeões e campeãs, menciona um pouco sobre alguns grupos dos *Slams* que estão espalhados por São Paulo.

Cada rodada de apresentação é sorteada com o nome dos participantes. E passa para final Lucas Afonso, Kimani e Bell Puã.

Segunda Etapa eliminatória segue o mesmo processo de apresentação dos jurados e poetas nessa nova batalha.

Dia 06/03 eliminatórias II com participação dos poetas Lews Barbosa (SP/2012), João Paiva (BR/2014), Luz Ribeiro (BR/2016), Piê (BR/2018), Jéssica Campos (BR/2020).

Ponto importante mencionado durante as apresentações dos poetas que o campeonato online traz a falta da vibração, calor humano o público ao

vivo, mas em contrapartida acabou proporcionando inclusão de várias pessoas e por questão de logística. Em seguida o poeta Emerson Alcante é convidado a fazer repescagem (que é a abertura para início da fala dos poetas). E seguiu para a grande final Luiz Ribeiro, Jessica Campos e Piê.

Na grande final Roberta menciona sobre o fato de atribuir nota para as poesias narradas, onde ela explica que as notas não são atribuídas ao poema, mas sim para performance que significa como está sendo dito, criatividade, como o poeta articula e trabalha com o tema abordado, suas as palavras. O poema é livre para todos por isso não deve ser atribuída nota.

Termina com a grande finalista Luz Ribeiro e finalizando com os agradecimentos de cada poeta que participou na reta final.

PALAVRA FALADA/ JOGO DE PALAVRAS – COMO O SLAM FOI CRIADO E SEESPANHOU PELO MUNDO_FLUP 2021.

Mestranda: Angelina Pompeu Furtado Pires

Instituição/ Curso: Programa de Pós-Graduação stricto-sensu em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu.

Orientadora: Prof.ª Dra. Eneida de Almeida

Data do Evento: De 30 outubro a 09 de novembro de 2022.

Local da transmissão:

- Youtube:
https://m.youtube.com/watch?v=c6UTq09i_k0&feature=youtu.be

Apresentadores: Roberta Estrela D'alva, Comikk MG e Emerson Alcalde entrevistam Marc Smith.

O projeto foi realizado com apoio: Ford Foundation, Itaú, Globo, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal da Cultura, Instituto Unibanco, Ternium, Ibirapitanga, Ambassa de France Au Brasil e por meio da Lei Municipal do Incentivo à Cultura e realização com Instituto 2015.

Horário de início: a partir das 19 horas.

Relato do Evento

Roberta inicia apresentando Comikk MG é Mexicano e organizador do primeiro Copa América que será realizado em novembro de 2022, Comikk é poeta e MC. Em seguida apresenta o Emerson Alcalde fundador do *Slam* da Guilhermina, poeta, escritor, ator e MC.

Após realizar as apresentações Roberta explica o significado da palavra *Slame* as regras da batalha de poesia, e chama o Marc Smith que é o convidado especial é o criador *do Slam* no Mundo e menciona que hoje existe mais 20 estados com *Slame* mais de 200 comunidades. Inicia a roda de conversa com convidado.

Roberta comenta se Marc imaginava que uma simples brincadeira nos anos 80 ia ter grande avanço como hoje? Ele acreditava que se espalharia pela

América não pelo mundo todo, porque os americanos não têm costuma de viajar e além de serem bem diferente de outras culturas, mas pode perceber que mesmo tendo vários *slam* espalhados os temas abordados são os mesmos, a mesma alegria, o mesmo conflito sendo uma única espécie, mas claro com diferenças, sendo uma verdadeira família humana.

Durante a época que inicio o *slam*, muitas pessoal diziam que ele não podia fazer isso com a poesia que tinha que ser da forma tradicional que era, mas Marc contou que ele sempre escutou muito jazz e ama música, quando entrou na faculdade conheceu sua esposa que ama poesia e aprendeu a gostar e escrever, suas leituras eram poesias clássica, mas sentia que a poesia tinha que ter paixão e sentimentos. Edaí surgiu a ideia de criar o *slam* como forma de expressar sentimentos e falar sobre assuntos que deveriam ser falados e não só literatura clássica.

Durante a pandemia os shows no Grell Mill foram suspensas e no momento estavam fazendo sucesso e não sabe se voltariam a chamar ele novamente porque ficou 35 anos lá. Tudo acabou na pandemia muitos lugares foram atingidos como nos EUA, Austin e Texas atualmente os países que retornaram suas atividades foram Brasil, Mexico e França. Assim ele criou outro projeto chamado Uma voz Poética em Chicago, que é mistura de dois idiomas operando em performance conectados por culturas e países diferente, Marc comenta que foi impressionante porque hoje ele não tem uma visão américa e sim uma visão Internacional a respeito do *Slam*.

Roberta ainda comenta que em sua ida para França na gravação do documentário *slam: voz o levante* mencionou que a importância do *slam* é organizar a comunidade. Marc menciona que no início de tudo ele era muito egoísta, pensava em criar o palco para ele e sempre pensava nele, ele e ele e não nas outras pessoase com isso sua carreira começou a decolar mais a vida pessoal desmorona.

E comentou que com tempo conseguiu perceber que não era assim, que serartista é servi a comunidade abraçando as diferenças porque somos todos diferentesde uma forma positiva. E que infelizmente no mundo do *slam*, sempre há uma partecentrada no ego, pessoa que estão lá só pensando nelas e mesma e contrapartida tendo organizadores maravilhosos que ajudam outras pessoas poderem se beneficiar. Ao ser questionado sobre o seu ponto

de vista referente ao *slam* enquanto instrumento pedagógico, menciona que pela sua experiência de vida acredita que é uma ferramenta de ensino tão boa que fazem as crianças amarem a poesia e leva para outro mundo mais sensível, de uma outra forma e perceber que não estamos sozinhos no mundo e que não somos diferentes do mundo também.

Ainda menciona que na Alemanha existe um projeto que foi realizado com o governo para implantar o projeto dos *slam* dentro das *slam* no qual deu muito certo e funciona muito bem, trazendo grandes experiências e conquista para comunidade alemã. Logo em seguida Emerson pergunta se Marc nunca pensou em organizar um encontro mundial de *slam*.

Assim ele menciona que sim e fez One Poets Voice, foi técnica de tentar misturar os idiomas operando junto numa plataforma, podendo conectar vários países diferente de forma impressionante com grupos falantes distintas e fazendo tradução poética.

Relatório da Palestra Slam e os Direitos Humanos no Sesc Itaquera.

Mestranda: Angelina Pompeu Furtado Pires

Instituição/ Curso: Programa de Pós-Graduação stricto-sensu em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu.

Orientadora: Prof.ª Dra. Eneida de Almeida

Data do Evento: 01/06/2022 Local: Sesc Itaquera

Palestrante: Organizadores do Sesc e Emerson Alcalde

Realizado: Sesc Itaquera

Horário de início: 10 horas Horário de Término: 16 horas

Relato da Palestra

A Palestra foi ministrado no Sesc Itaquera por Emerson Alcalde apresentando a história do *Slam* no Brasil, *Slam* da Guilhermina – Esperança e *Slam* Interescolar. Falando sobre sua trajetória, conquistas e os direitos de utilização dos espaços e da fala como forma de reivindicação dentro dos direitos humanos de cada cidadão.

O encontro foi realizado com todos os gremistas da Zona Lestes de São Paulo sendo uma escola de cada diretoria de ensino 1 ao 5, alguns alunos presentes já participavam dos encontros com *Slam* Interescolar outros já eram os *slammer* que competiam entre escolas. Durante a conversa, Emerson convidou os poetas presentes para realizar uma batalha de poesia para que todos no local que ainda não presenciaram as batalhas, pode -se conhecer um pouca na prática como funciona as batalhas de poesia.

Para selecionar os jurados, Emerson convidou os alunos presentes de cada escola a participar, em seguida foi aberto para perguntas e divulgações de encontros do coletivo e até mesmo adquirir livro dos poetas. Logo após houve um coffe break onde foi possível converter e interagir no ambiente, para que pudesse iniciar as oficinas literárias como forma de poesias, para futuros poetas e *slammer*. Em todo o momento os professores e alunos e convidados presentes, se mostram interessados e animados com palestra.



Figura 32 - Palestra Slam e os Direitos Humanos

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CeT3-Fhr6Zu/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.
Acesso 01 junho 2022